

No Tempo de Antônio Conselheiro: figuras e fatos da campanha de Canudos

1. Coletânea de textos do autor

sumário

As Mulheres de "Os sertões" [1959]

Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes [1956]

O Sebastianismo no folclore de Canudos [1958]

(texto publicado originalmente sob o título *A guerra de Canudos no cancionero popular do Brasil*)

A guerra de Canudos na poesia popular (Documento folclórico). [1952]

Subsídios para a bibliografia da Campanha de Canudos [1958]

Notas para um vocabulário de Canudos [1959]

AS MULHERES DE “OS SERTÕES”^(*)

Afrânio Peixoto, em 1911, ao ingressar na Academia Brasileira de Letras, revelou que Euclides da Cunha declarara, certa feita, com jactância, que as mulheres não apareciam nos seus livros. Ouçamos as próprias palavras do romancista baiano referindo-se ao autor de **Os Sertões**: “Não escreveu de um regato, de um crepúsculo, canto de pássaro ou capricho de mulher. Jactou-se mesmo, uma vez, de não haver em todos os seus livros, uma só destas criaturas”¹.

A revelação de Afrânio Peixoto, anunciada há quase meio século, ainda não mereceu, ao que nos conste, estudo, ou simples comentário objetivo, embora o comportamento de Euclides da Cunha diante de outro sexo já tenha sido encarado por alguns estudiosos de sua vida. Propomo-nos, agora, perquirir o tema, procurando situá-lo dentro no campo específico das nossas pesquisas - as páginas de **Os Sertões**.

Observamos, inicialmente, que nenhum nome, documento ou data foi invocado por Afrânio Peixoto em abono de sua assertiva. Tudo quanto ficou, em verdade, como ponto de partida para estudo e debate do assunto em apreço, foi uma simples referência encaixada num discurso de fino lavor literário. Teria mesmo Euclides da Cunha afirmado que o elemento feminino não figurava nos trabalhos de sua autoria? Por que o teria dito com jactância? Desagradaria, porventura, ao notável escritor, a presença das filhas de Eva no bojo dos seus livros? Ou teria Afrânio Peixoto, em vista de certas premissas, concluído que deveria ser aquele o pensamento do vigoroso publicista brasileiro? Não estamos em condições de responder às perguntas formuladas. Queremos, apenas, suscitando as

^(*)Publicado in CALASANS, José. *No tempo de Antonio Conselheiro*. Salvador: Livraria Progresso / Universidade da Bahia, 1959. p. 7/23.

¹ PEIXOTO, Afrânio. *Poeira da Estrada*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1947. p. 37.

questões, ressaltar, desde logo, a posição do próprio Euclides, talvez envolvido em situações que não criou. Não antecipemos, porém, as nossas conclusões. As reações de Euclides da Cunha em face do belo sexo, conforme assinalamos anteriormente, têm sido consideradas por alguns dos seus críticos e biógrafos. Uma vida sem amor, vazia de afeição feminina, proclamam todos eles. Francisco Venâncio Filho, constatando a ausência de cartas de amor na sua correspondência, admitiu que “ele decerto não as escreveu”². Carlos Chiacchio, por seu turno, concluiu que Euclides não tivera um amor, faltando-lhe, portanto, “esse oásis de ternura para os voos repousantes das canseiras”³. No mesmo sentido formou Gilberto Freyre opinando, em penetrante ensaio: “Como tantos brasileiros do tempo do Império – o próprio Imperador talvez – e dos seus dias de homem feito parece que o próprio Rio Branco – Euclides da Cunha foi um indivíduo que nunca se completou em adulto feliz ou personalidade madura e integral, a quem a colaboração doce ou inteligente, ou simplesmente a inspiração constante de uma mulher, tivesse acrescentado zonas de sensibilidade, de compreensão e de simpatia humana, que o homem sozinho não percorre senão angustiado; ou não percorre nunca”⁴. Sílvio Rabelo, o maior dos seus biógrafos, também focalizou a posição de Euclides da Cunha em frente ao sexo feminino, escrevendo: “O amor de mulher, que não encontrou na mãe, morta quando pequenino, não encontrou em ninguém – nem naquela a quem se ligara por toda vida, nem em amante ou simples namorada. A presença do outro sexo nada acrescentava ao homem seco e triste que ele era, em conforto pessoal, em gosto do mundo, em pletora de vida. O outro sexo, ele o trazia narcisicamente em si mesmo. Não se conhece nenhum gesto, palavra ou apenas olhar que indicasse a ternura do homem saudável pela mulher ou pelas mulheres que fosse encontrando pelo caminho”⁵. Em que pese a autoridade do

² VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha a seus amigos*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1938. p. 9.

³ CHIACCHIO, Carlos. “O grande mal”. *Jornal de Ala*, Bahia, v. 2, n. 3, 1940.

⁴ FREYRE, Gilberto. *Perfil de Euclides e outros perfis*. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio, 1938. p. 106.

mestre Sílvio Rabelo, parece-nos que não devemos continuar colocando em termos tão negativos as relações de Euclides com o belo sexo. É possível respigar, aqui e ali, alguma coisa no sentido de modificar o rigorismo do seu comportamento. Vamos encontrar, por exemplo, numa carta a Domício da Gama, o autor de **Contrastes e Confrontos** a falar, quixotesicamente, em defesa de mulheres. Comunicando ao amigo que tomara partido ao lado da Bolívia contra o Peru, disse: “É uma das minhas quixotadas. Constituí-me, para satisfazer à índole romântica, um cavaleiro andante da Bolívia contra o Peru. Por que? Talvez porque a Bolívia... é mulher”⁶. Também encontramos-lo a dizer galanteios. Em casa do major Solon Ribeiro, quando lá apareceu pela primeira vez e avistou aquela que seria sua esposa, rabiscou, num pedaço de papel, estas palavras: “Entrei aqui com a imagem da República e parto com a sua imagem”⁷. Dir-se-á, contudo, que semelhantes manifestações são esporádicas na vida do publicista, sempre pouco propenso ao envolvente encanto das mulheres, de certo modo uns fantasmas para ele. Nos últimos anos de sua vida, segundo depoimentos de Coelho Neto e Firmo Dutra, corroborados por uma carta do próprio Euclides a Alberto Rangel, havia um fantasma feminino, “a dama de branco”, a persegui-lo, frequentemente, roubando-lhe muitas vezes o sono, quase sempre agitado, inquieto⁸.

Uma existência como a de Euclides da Cunha, tão pobre de amor e tão vazia de mulheres, haveria de refletir, necessariamente e de modo especial, na sua atitude de escritor em face do mundo feminino. Não tendo sido autor de obra de ficção que lhe permitisse a liberdade de criar suas mulheres, delas fazendo o que bem quisesse, a Euclides da Cunha restou, apenas, o direito de interpretar a

⁵ RABELO, Sílvio. *Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: C.E.E., 1948. p. 453.

⁶ VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Op cit.*, p. 191.

⁷ PONTES, Eloy. *A vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Livr. José Olympio, 1938. p. 106.

⁸ *Idem*, p. 319.

seu modo as personagens femininas que foram surgindo na área dos estudos históricos e sociais que lhe coube investigar. Ora, de um modo geral, os temas versados por Euclides da Cunha não davam ensejo ao surgimento de mulheres. Problemas políticos, assuntos geográficos, questões internacionais, aspectos econômicos, que constituem a grande maioria dos seus escritos, não são, está claro, setores propícios à presença de representação do chamado sexo frágil. Do exposto, poder-se-ia concluir que a declaração atribuída a Euclides da Cunha seria perfeitamente lógica e coerente. A ausência de mulheres na obra euclidiana estaria plenamente justificada. Estudioso objetivo, trabalhando com o material que lhe vinha às mãos, Euclides não seria obrigado a forçar a inclusão do belo sexo nos ensaios que publicou. A aceitação da tese, porém, não pode ser definitiva. Somos levados a pensar, em vista de certos fatos, que houvesse mesmo de sua parte a intenção de afastar as mulheres. A hipótese ganha terreno com o caso de Castro Alves. Duas vezes, primeiro na Academia Brasileira de Letras e depois no Centro Onze de Agosto, Euclides da Cunha falou do grande condoreiro, seu patrono na Casa de Machado de Assis, sem dar importância à vida amorosa do romântico defensor dos escravos. Sentimos que havia o desejo de fugir deliberadamente de enfrentar o assunto, que parece claro no trecho seguinte da conferência pronunciada em São Paulo, sublinhemos, perante a mocidade acadêmica: “De ordinário, quando se trata da vida exterior de Castro Alves, episódiam-se, longamente, os seus triunfos nos salões, ou nos teatros da época, onde lhe prefulgia a beleza varonil realçada pela glória nascente. Ou então a rivalidade boêmia com aquele extraordinário Tobias Barreto, que sendo mestiço se tomava mais brasileiro do que o poeta baiano, se a sua veemente alma tropical não resfriasse sob as duchas enregeladas de quatro ou cinco filosofias da Alemanha. E agitam-se a propósito algumas anedotas inexpressivas e graciosas, em que se entrouxam as saias de Eugênia Câmara e a túnica da mulher de Putifar. Não nos percamos por aí”⁹.

⁹ CUNHA, Euclides da. *Castro Alves e o seu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1907. p. 24.

E mudou de rumo. Talvez, realmente, não quisesse as mulheres nos seus livros. Não as deixaria nem mesmo na companhia de Castro Alves, cuja exuberante vida sentimental contrastava, flagrantemente, com o modo de ver e de sentir do seu ilustre crítico. A diferença existente entre os dois, sobretudo em face do mundo feminino, certamente influenciou para que Euclides da Cunha se mostrasse reticente no entendimento do vate, no famoso discurso de posse da Academia de Letras. Tese sugestiva, sem dúvida alguma, para discussão e debate, se não fosse outro o caminho que teremos de palmilhar. Marchemos, pois, para **Os Sertões**.

É na obra famosa que se tornam visíveis aos olhos dos pesquisadores as mulheres de Euclides da Cunha. Causa pena vê-las. Estão terrivelmente marcadas, duramente estigmatizadas. São feias, megeras, bruxas, viragos, zanagas. Uma autêntica caqueirada humana, que o autor parece ter tido o prazer de debuxar. Há, todavia, naquele imenso deserto de beleza, um “rosto formosíssimo”, aclarado por “uns olhos grandes e negros”, verdadeiro oásis de graça feminina. Documentemos as afirmações.

No drama de Canudos, ou mais exatamente, no drama de Antonio Conselheiro, Euclides da Cunha vislumbrou três mulheres. A primeira, Helena Maciel, tia do “Santo Conselheiro”, participante direta e ativa nas lutas renhidas que os Maciéis de Quixeramobim sustentaram contra os poderosos Araújo dos sertões cearenses. Helena, que um velho cronista da terra de Iracema chamou de Nêmesis da família, era um estranho tipo de mulher, terrível pelo seu espírito de vingança, pela infernal capacidade de urdir tocaias. A segunda, a mãe do Conselheiro, acusada pela tradição popular de ter levado o filho a matar a própria esposa, representava o tipo tão mal compreendido da sogra. Envolvida nas teias de uma lenda arrepiadora, Maria Joaquina de Jesus, falecida quando o futuro milagreiro era ainda uma criança, ficou, nas crônicas de Canudos, injustamente julgada. A terceira, prima e mulher do chefe carismático do Belo Monte, de vida irregular e leviana, afinal abandonada pelo marido em

conseqüência de sua notória infidelidade. A respeito das três mulheres não nos disse Euclides da Cunha nada de importante. Limitou-se a registrar o que ouvira ou lera, considerando, porém, na existência singular do peregrino cearense, que a “mulher foi a carga adicionada à tremenda tara hereditária, que desequilibraria uma vida iniciada sob os melhores auspícios”¹⁰. Atribuiu, então, ao “Santo Conselheiro”, como resultante da desgraça conjugal, uma atitude de permanente repulsa diante da beleza feminina, identificando-o, neste passo, com os seguidores de Montanus. “A beleza”, escreveu Euclides, “era-lhes a face tentadora de Satã. O Conselheiro extremou-se mesmo no mostrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros”¹¹.

Acreditamos que não será despropositado indagar, terminada a literatura do trecho acima, se na imputação feita ao Bom Jesus Conselheiro não estaria também o biógrafo se projetando no pensamento do biografado? Talvez houvesse uma semelhança de atitude diante da “face tentadora de Satã”...

Ao lado das três mulheres, isoladamente apresentadas, que Euclides não conheceu, vamos, agora, focar, numa visão de conjunto, o mundo feminino sertanejo, visto realmente pelo escritor. Necessitamos, porém, primeiramente, indagar onde, quando e em que condições viu Euclides as mulheres de Canudos.

Chegando à Cidade do Salvador, como correspondente do **Estado de São Paulo** e integrando o estado-maior do marechal Machado Bittencourt, ministro da guerra, a 7 de agosto de 1897, Euclides da Cunha permaneceu na capital baiana até o último dia do mês, quando partiu para o teatro de operações. Durante o tempo em que esteve na velha cidade, freqüentou os jornais, visitou

¹⁰ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 160.

¹¹ *Idem*, p. 170.

hospitais e quartéis, colhendo notas, ouvindo militares e civis e até mesmo o jaguncinho trazido pelo coronel Carlos Teles - de todos procurando saber notícias da guerra e dos costumes sertanejos. Nada registrou, nas reportagens enviadas ao seu jornal, no decorrer dessa primeira fase, a respeito das mulheres de Canudos. Somente a 3 de setembro, na então vila de Queimadas, um dos centros de operação contra os conselheiristas, avistou o jovem jornalista um grupo de prisioneiras. Este primeiro contato com as jagunças estaria fadado a ter influência no processo de elaboração do grande livro. “Acabam de chegar, há meia hora”, escreveu o repórter da gazeta paulista, “nove prisioneiras; duas trazem no seio crianças de poucos meses, mirradas como fetos; acompanham-nas quatro pequenos de três a cinco anos”. E logo adiante: “Das mulheres, oito são monstros envoltos em trapos repugnantes, fisionomias duras de viragos de olhos zanagos ou traiçoeiros. Uma, porém, destaca-se. A miséria e as fadigas cavaram-lhe o rosto mas não destruíram a mocidade; a formosura ressurgiu, imortal, a despeito das linhas vivas dos ossos apontando duramente no rosto emagrecido e pálido. Olhos grandes e negros em que se reflete uma tristeza soberana e profunda”. “Satisfez a curiosidade dos circunstantes contando uma história simples; uma tragédia em meia dúzia de palavras; um drama quase banal agora, com o epílogo obrigado de uma bala certa de Manulicher ou estilhaço de granada”¹². Na mesma localidade e no mesmo dia, um outro homem de imprensa, Lélis Piedade, viu igualmente as pobres mulheres e deu notícia do encontro aos leitores do **Jornal de Notícias**, de Salvador, diário dirigido por Aloísio de Carvalho, o velho. “O fato mais interessante de minha visita de três horas”, contou ele, “tanto quanto me permitiu o tempo, foi o de uma conversação com um grupo de jagunças que vieram presas para aqui. Nove mulheres, algumas mal encaradas, feias, verdadeiras fúrias. Três ou quatro simpáticas, entre as quais uma Isabel de tal, clara, rosada, e amamentando uma criancinha de cerca de três meses, a que deu à luz por ocasião do célebre

¹² CUNHA, Euclides da. Canudos. *Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. p. 69.

combate de Cocorobó”¹³. No dia seguinte voltou Lélis Piedade a procurar as míseras mulheres, escrevendo: “Fui ter de novo com as 9 prisioneiras. A Isabel (uma que se julgava princesa) é um tipo completo do brasileiro legítimo. – Olhar seguro, penetrante e bonito, rosto fino e cor de cobre, cabelos negros e abundantes, dentadura alva e correta, cheia de espírito enfim. As provações e a imundície, porém dão-lhe um aspecto singular. Há uma outra Isabel, uma verdadeira desgraçada e digna de dó, muito simpática. Amamenta uma criancinha muito terna”¹⁴.

É expressiva, sem dúvida alguma, a circunstância de os dois homens encararem, diferentemente, as jagunças de Canudos, destacando Euclides, do grupo, apenas uma, enquanto Lélis Piedade falou, simpaticamente, de três ou quatro. Julgamos, porém, tomando por base os traços descritos pelos jornalistas citados, que devemos identificar em Isabel, “de olhar seguro, penetrante e bonita”, a moça formosa, de “olhos grandes e negros”, exaltada por um homem pouco expansivo nas manifestações sobre o belo sexo, como era Euclides da Cunha. A beldade de Queimadas não iria ficar arquivada nas colunas do jornal paulista. Tendo, de feito, impressionado Euclides da Cunha, ela ganharia a honra de figurar, embora anonimamente, nas páginas imortais de **Os Sertões**. Naquele por assim dizer museu de fealdade, repleto de bruxas rebarbativas e megeras esqueléticas, o “rosto formosíssimo” de Isabel, duas vezes focalizado, ganha para nós um sentido especial. Encontramo-la, pela primeira vez, de modo indeterminado, na reconstituição admirável da cerimônia diária das orações, quando o arraial fatídico ficava concentrado em torno do “Santo Conselheiro”, com o agrupamento das mulheres invariavelmente separado do grupo masculino. “Ali estavam”, inicia Euclides a descrição, “gafadas de pecados velhos, serodidamente penitenciados, as beatas – êmulos das bruxas das igrejas – revestidas da capona preta, lembrando a holandilha fúnebre da Inquisição; as

¹³ PIEDADE, Lélis. *Histórico e Relatório do Comitê Patriótico da Bahia*. Bahia, 1901, p. VI.

¹⁴ *Idem*, p. IX.

solteiras, termo que nos sertões tem o pior dos significados, desenvoltas e despejadas, soltas na garridice sem freios; as *moças donzelas* ou *moças damas*, recatadas e tímidas; e honestas mães de família, nivelando-se pelas mesmas rezas”. E prossegue: – “FACES murchas de velhas – esgrouviados viragos em cuja boca deve ser um pecado mortal a prece; – rostos austeros de matronas simples, fisionomias ingênuas de raparigas crédulas, misturavam-se em conjunto estranho”. Mais ainda – “Todas as idades, todos os tipos, todas as cores”. E depois – “Grenhas maltratadas de crioulas retintas, cabelos corredios e duros de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legítimas, embaralhavam-se, sem uma fita, sem um grampo, sem uma flor, o toucado ou a coifa mais pobre. Nos vestuários singelos de algodão ou chita, deselegantes e escorridos, não havia lobrigar-se a garridice menos pretensiosa: um xale de lã, uma mantilha ou um lenço de cor, atenuando a monotonia das vestes encardidas quase reduzidas a saias e camisas estraçadas, deixando expostos os peitos cobertos de rosários, de verônicas, de cruces, de figas, de amuletos, de dentes de animais, de bentinhas ou de nômimas encerrando *cartas santas*, únicos atavios que perdoava a ascese exigente do evangelizador. Aqui, ali, extremando-se a relanços naqueles acervos de trapos, um ou outro rosto formosíssimo, em que ressurgiam, suplantando impressionadamente a miséria e o sombreado de outras faces rebarbativas, as linhas desta beleza imortal que o tipo judaico conserva imutável através dos tempos. Madonas emparceiradas a fúrias, belos olhos profundos, em cujos negrimes afuzila o desvario místico; fronte adoráveis, mal escampadas sob os cabelos em desalinho, eram profanação cruel afogando-se naquela matulagem repugnante que exsudava do mesmo passo o fartum angulhento das carcaças imundas e o lento salmear dos benditos lúgubres como responsórios ...”¹⁵.

“O perfil judaico” e os “olhos grandes e negros” reaparecem, depois, constituindo uma exceção no meio de “mulheres repugnantes”. O quadro de Queimadas,

¹⁵ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 199.

novamente. “As mulheres eram”, diz Euclides, “na maioria, repugnantes. Fisionomias ríspidas, de viragos, de olhos zanagas e maus. Destacava-se, porém, uma. A miséria escavara-lhe a face, sem destruir a mocidade. Uma beleza olímpica ressurgia na moldura firme de um perfil judaico, perturbados embora os traços impecáveis pela angulosidade dos ossos apontando duramente no rosto emagrecido e pálido, aclarado de olhos grandes e negros, cheios de tristeza soberana e profunda”¹⁶.

Em Monte Santo, a sete de setembro, deparou Euclides outras mulheres. Não eram mais jagunças prisioneiras; estava diante de vivandeiras, depois descartadas por um outro participante da guerra fratricida, o poeta Francisco Mangabeira, da ínclita geração dos Mangabeiras da Bahia. O correspondente do **Estado de São Paulo** não as olhou com ternura, nem sequer com simpatia, vendo naquelas companheiras dos soldados apenas uma “multidão rebarbativa de megeras esqueléticas e feias na maioria”¹⁷, ponto de vista que confirmaria em **Os Sertões**, ao dizer que as vivandeiras eram “bruxas, de rosto escaveirado e envelhecido”¹⁸.

Bruxas, megeras, viragos, mulheres repugnantes surgem sempre. Defronte de Canudos, o jornalista conversou com duas novas prisioneiras, mãe e filha, sendo a “primeira, esquelética, esquelética e repugnante e a segunda, mais forte, de feições atraentes”¹⁹. E quando Antonio Beatinho, nos derradeiros dias da luta, conseguiu trazer para o acampamento legal um grande contingente de fanáticos, as mulheres eram “velhas espectrais, moças envelhecidas, velhas e moças indistintas na mesma fealdade, escavadeiras e sujas”, delas sobressaindo “uma

¹⁶ *Idem*, p. 523.

¹⁷ CUNHA, Euclides da. *Canudos. Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. p. 77.

¹⁸ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 484.

¹⁹ CUNHA, Euclides da. *Canudos. Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. p. 92.

megera assustadora, bruxa rebarbativa e magra – a velha mais hedionda talvez destes sertões - a única que alevantava a cabeça espalhando sobre os espectadores, como faúlhas, olhares ameaçadores”²⁰.

Euclides também viu, no Quartel General da campanha, uma sertaneja de “gesticulação incorreta, desabrigada e livre”. Denominou-a “um virago perigoso”; acrescentando – “aquela mulher, aquele demônio de anáguas, aquela bruxa agourentando a vitória próxima – foi degolada...”²¹. Certamente não estava de acordo com a medida extrema adotada, que condena nas entrelinhas, mas concordava que a infeliz era uma bruxa, um virago. Devia ser também uma megera, classificação que atingia até as próprias santas. No santuário do Belo Monte havia imagens de “Marias Santíssimas, feias como megeras...”²².

Terminado o desfile das mulheres na obra-prima de Euclides da Cunha – podemos formular algumas conclusões. Em primeiro lugar, temos que considerar destituída de fundamento a suposta declaração do escritor negando a presença do elemento feminino nos seus livros. Depois, embora reconhecendo a situação anormal da comunidade estudada, apontar uma evidente tendência do autor no sentido de assexuar as mulheres focalizadas nas suas páginas coloridas e fortes. E, finalmente, tendo em vista o episódio de Queimadas, sugerir aos intérpretes da vida e da obra de Euclides da Cunha, neste ano em que se passa o cinquentenário do seu trágico desenlace, uma revisão no estudo do seu comportamento face ao belo sexo, para que não se generalize a suposição de que ele era absolutamente incapaz de ver e admirar as mulheres encontradas na jornada fatigante de sua vida.

²⁰ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 603.

²¹ *Idem*, p. 568.

²² *Idem*, p. 185.

EUCLIDES DA CUNHA E SIQUEIRA MENEZES^(*)

1 - Siqueira Menezes é um dos heróis de **Os Sertões**. Seu nome aparece destacadamente no grande livro que Euclides da Cunha dedicou à Campanha de Canudos. Nenhum outro militar saiu mais engrandecido das páginas eloquentes da obra famosa do que o “jagunço alourado”, a quem Euclides chamou o “olhar da expedição”. O perfil do tenente-coronel José Siqueira de Menezes, entusiasticamente traçado pelo notável escritor brasileiro, vale uma verdadeira consagração. “Ninguém até então”, escreveu o autor de **À Margem da História**, “compreendera com igual lucidez a natureza da campanha, ou era melhor aparelhado para ela. Firme educação teórica e espírito observador, tornavam-no guia exclusivo daqueles milhares de homens, tateantes em região desconhecida e bárbara. Percorrera-a quase só, acompanhado de um ou dois ajudantes, em todos os sentidos. Conhecia-a toda; e infatigável, alheio a temores, aquele campeador, que se formara fora da vida dos quartéis, surpreendia os combatentes mais rudes. Largava pelas chapadas amplas, perdia-se no deserto referido de emboscadas, observando, estudando e muitas vezes lutando. Cavalgando animais estropeados, inaptos a um meio galope frouxo, afundava nos grotões; varava-os; galgava os cerros abruptos, em reconhecimentos perigosos; e surgia no Caipan, em Calumbi e no Cambaio, em toda parte, mais preocupado com a carteira de notas e os croquis do que com a vida”.

“Atraía-o aquela natureza original. A sua flora estranha, o seu fâcies topográfico atormentado, a sua estrutura geognóstica ainda não estudada – antolhavam-se-lhe, largamente expandidas, em tomo, escritas numa página revolta da Terra, que ainda ninguém lera. E o expedicionário destemeroso fazia-se, não raro o pensador contemplativo. Um pedaço de rocha, o cálice de uma flor ou um

^(*)Publicado em *Arquivos da Universidade da Bahia - Faculdade de Filosofia*, Vol V, Bahia, 1956. Republicado, em edição do autor, em 1957 (Aracaju/Sergipe, Livraria Regina Ltda).

acidente do solo, despeavam-no das preocupações da guerra, levando-o A jagunços. Assombrava-os aquele homem frágil, de fisionomia nazarena, que, apontando em toda parte com uma carabina à bandoleira e um podômetro preso à bota, lhes desafiava a astúcia e não tremia ante as emboscadas e não errava a leitura da bússola portátil entre os estampidos dos bacamartes”.

“Por sua vez o comandante em chefe avaliara seu valor. O tenente-coronel Siqueira de Menezes era o olhar da expedição. Oriundo de família sertaneja do norte e tendo até próximos colaterais entre os fanáticos, em Canudos, aquele jagunço alourado, de aspecto frágil, física e moralmente brunido pela cultura moderna, a um tempo impávido e atilado – era a melhor garantia de uma marcha segura. E deu-lhe um traçado que surpreendeu os próprios sertanejos”²³.

O longo trecho citado, ao qual poderíamos acrescentar outras expressivas palavras de Euclides da Cunha, conferiu a Siqueira Menezes a honra de figurar na esplêndida galeria das personagens euclidianas. Escudado nesta qualidade de herói de **Os Sertões**, respeitado e admirado pelos feitos que praticara e vinham narrados no livro imortal, o doutor Siqueira exerceu, após a luta do Bom Jesus Conselheiro, importantes missões militares e relevantes posições políticas. Foi comandante da Brigada Policial do Distrito Federal e do 3º Distrito Militar (Bahia); prefeito do Alto Purus, onde fundou a cidade de Sena Madureira; presidente de Sergipe no triênio 1911-1914; senador da República, representando seu Estado natal, de 1915 a 1923. Em todas essas funções, aparecia sempre na posição privilegiada de herói de **Os Sertões**, o que, de certo modo, valorizava o próprio posto que estava desempenhando. “Fisionomia nazarena”, “pensador contemplativo”, “olhar da expedição”, “jagunço alourado” eram palavras lembradas pelos áulicos nas louvações entoadas ao ilustre soldado. Em Aracaju, conta-nos Gilberto Amado nas suas memórias, “o general

²³ CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*, 20ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p. 380-1.

presidente era o personagem de Euclides, o tenente-coronel expedicionário de Canudos”²⁴.

Armindo Guaraná, no utilíssimo **Dicionário Bio-Bibliográfico Sergipano**, também fere a mesma tecla: “de sua atuação em Canudos fala Euclides da Cunha com grandes encômios no seu livro **Os Sertões**, nas páginas 380 e 381”²⁵. Sempre Siqueira ligado ao livro de Euclides...

2 - Figurando, com referências encomiásticas, numa obra notável, tendo participado ativamente da campanha que Euclides da Cunha estudou, o tenente-coronel José de Siqueira Menezes devia formar seu juízo pessoal a respeito do livro e do autor. Opinião que, seria lógico admitir, devia encarar com simpatia, senão mesmo gratidão, o escritor nacional que assegurara ao soldado um lugar na História... A Siqueira Menezes seria agradável ouvir falar de Euclides da Cunha. Assim pensava Gilberto Amado, no longínquo 1911, quando, pela primeira vez, no Palácio do Governo, em Aracaju, falou com o “jagunço alourado”. “Eu pensava que Siqueira de Menezes e Euclides da Cunha”, são palavras de Gilberto Amado, “formassem uma correlação natural, palpitante, viva. Falar de Siqueira Menezes a Euclides da Cunha seria ouvir... as frases de **Os Sertões**. Falar de Euclides da Cunha a Siqueira de Menezes, importaria em ouvir palavras de gratidão, de enternecimento, de felicidade”²⁶. Terrível engano. Julgando agradar ao general, de quem precisava obter o imprescindível apoio à sua candidatura ao legislativo federal, o jovem pretendente assim teria começado:

– “General... não posso, olhando pela primeira vez o senhor, deixar de pensar no tenente-coronel da expedição de Canudos. Euclides...”

²⁴ AMADO, Gilberto. *Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa*, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1956. p. 175.

²⁵ GUARANÁ, Armindo. *Dicionário Bio-Biográfico Sergipano*. Rio de Janeiro, 1925, p. 185.

²⁶ AMADO, Gilberto. *Op. cit.*, p. 178.

O presidente interrompeu-o, bruscamente.

– “Não me fale nesse... “O epíteto injurioso chiou: “Nunca foi lá. Nunca se perdeu por aquelas bandas. Nunca me viu. Nunca o viram”.

–“Mas, General... Foi um grande momento para o senhor, para Sergipe, para o Brasil. Uma glória para todos nós. Nunca sergipano mereceu tanto, foi elevado tão alto como naquelas páginas”.

– “Não me fale nesse... !”²⁷

E no final da conversa, em face da insistência de Gilberto Amado:

– “Mentira! Não viu nada! Nada daquilo é verdade”²⁸.

“Tive surpresas na vida”, declara o vigoroso ensaísta de **Grão de Areia**, “mas nenhuma ultrapassou aquela”²⁹. Aceitou, porém, apesar da surpresa as estranhas declarações, convencendo-se que Euclides não se avistara com Siqueira de Menezes. “É forçosa a conclusão”, comenta Gilberto Amado, “Euclides poetizou o personagem (sic.) obedecendo à mesma tendência magnificadora e romantizaste que indignou Plácido de Castro. Forneceram-lhe algumas notas esparsas sobre a campanha... talvez uma fotografia de Siqueira, cujo nome, salientado ao acaso, impressionou-o. Talvez nem mesmo essas notas de que falo lhe tenham sido presentes. Comprove-se simplesmente, por vocação de temperamento e vício de formação, em representar, para seu uso, no cenário melancólico, onde a inépcia dos homens condizia com a sordidez da paisagem, um herói romântico, uma figura de ficção que lhe pareceu necessária

²⁷ *Idem*, p. 180.

²⁸ *Idem*, p. 179.

²⁹ *Idem*, p. 179.

à obra. Que importa que não existisse? A ciência, a bravura, a contemplatividade, a alma profunda do expedicionário do sertão, do jagunço alourado, são engrandecimentos de processo, oriundos da mesma deformação sublimadora que levou Castilho a chamar linfa a água de Ovídio, Coelho Neto adaga a faca de que se servira o negro de engenho”³⁰.

3 - A revelação contida no terceiro volume das memórias de Gilberto Amado e a posição que o memorialista adotou sobre assunto estão a merecer cuidadoso estudo crítico, o que tentaremos fazer neste momento.

As declarações em apreço, que alcançaram grande repercussão nos nossos meios literários, levam-nos às seguintes conclusões:

1) Euclides da Cunha não esteve em Canudos. (“Nunca foi lá... Nunca se perdeu por aquelas bandas... Nunca o viram”...

2) Euclides da Cunha não conheceu Siqueira de Menezes (“Nunca me viu”...)

3) O “jagunço alourado”, herói da campanha de Canudos, é mera criação literária de Euclides.

Inicialmente, precedendo à discussão das sensacionais revelações, precisamos pesar o valor do testemunho de Gilberto Amado. Teria sido o escritor realmente fiel ao repetir as expressões ouvidas, num instante de natural emoção, há mais de quarenta anos passados? Guardaria ele perfeitamente o tom em que foram as mesmas pronunciadas? Sem pôr em dúvida a sinceridade da testemunha, não podemos esquecer, na pesquisa histórica, as dolorosas traições da memória, tão bem estudadas pelos especialistas da matéria? Teria mesmo Siqueira de Menezes declarado que Euclides da Cunha nunca esteve em Canudos? A afirmação é de tal forma inconsistente que temos direito de repetir a

³⁰ *Idem*, p. 181.

pergunta. Ninguém, até hoje, levantou a mais leve suspeita a respeito da presença de Euclides da Cunha na zona de operações de Canudos, donde ele remeteu para **O Estado de São Paulo**, crônicas datadas de 12, 24, 26, 27, 28 e 29 de setembro e de 1 de outubro. Seria possível que um homem de responsabilidade, representando um grande órgão da imprensa paulista, cometesse a leviandade de datar seus artigos de um lugar onde ele não se encontrava? É inconcebível que o jornalista estivesse mentindo ao escrever, a 12 de setembro: “E vingando a última encosta divisamos subitamente, adiante, o arraial imenso de Canudos”³¹. Que tivesse a coragem de inventar, na correspondência de 27: “O general Artur Oscar, restabelecido agora de ligeira enfermidade, acaba de mostrar-me alguns tipos de balas caídas nos tiroteios da noite”³². Os exemplos poderiam ser multiplicados. Invariavelmente, em todas as crônicas, Euclides menciona lugares, narra fatos, cita nomes de pessoas, tudo evidenciando que o repórter estava nas redondezas do arraial fanático. No seu caderno de notas, arquivado no Instituto Histórico Brasileiro, figuram croquis, anotações diversas, tudo comprovando sua presença no teatro da guerra sertaneja. Os jornais da Bahia noticiaram sua partida e seu retomo de Canudos. Um trecho de Francisco Mangabeira, em notas ao poema **Tragédia Épica**, indica que fizera amizade com o grande escritor nos arredores do Belo Monte³³. O Dr. José Marques dos Réis, do Serviço Médico da Polícia da Bahia, contou a Helvécio Carneiro que medicara, várias vezes, na sua barraca em Canudos, a Euclides da Cunha³⁴. Diante do que vimos de expor, a assertiva de Siqueira de Menezes, se de fato foi fielmente reproduzida por Gilberto Amado, não pode ser aceita. Euclides esteve, sem dúvida alguma, em Canudos, tendo assistido os últimos momentos do singular e efêmero Império do Belo Monte.

³¹ CUNHA, Euclides da. *Canudos. Diário de uma expedição*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1939. p. 85.

³² *Idem*, p. 101.

³³ MANGABEIRA, Francisco. *Tragédia Épica*. Bahia: Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, 1900.

³⁴ “*Jornal de ALA*”, III, Bahia, p. 33.

4 - Passemos ao segundo ponto, Euclides não conheceu Siqueira em Canudos. “Nunca me viu”. Em vista das provas que apresentaremos a seguir, somos levados a contestar, ainda uma vez, a categórica informação de Siqueira de Menezes. Euclides e Siqueira estiveram, sem dúvida alguma, juntos, em Canudos. A 28 de Setembro, registrava o repórter ilustre na correspondência remetida ao seu jornal: “Para não perder tempo, *continuo* (o grifo é nosso) com o tenente-coronel Siqueira de Menezes – um tipo interessantíssimo e notável, ao qual mais longamente me referirei, a observar sistematicamente, hora por hora, a temperatura, a pressão e a altitude em Canudos. Faremos com todo o cuidado estas observações que são as primeiras realizadas nestas regiões e das quais se derivará a definição mais ou menos aproximada do clima destes sertões”³⁵. No dia seguinte, informava aos seus leitores: “Às 7 1/2, em companhia, dos generais Artur Oscar, Carlos Eugênio, tenente-coronel Menezes e outros oficiais, segui para uma excursão atraentíssima - um passeio dentro de Canudos”³⁶. A 1 de outubro, na derradeira crônica que escreveu da zona conflagrada, fala na Comissão de Engenharia, cujo chefe era o já tantas vezes citado Siqueira de Menezes, dizendo: “À 1 hora e 45 minutos cheguei à sede da comissão de engenharia e observei o combate”³⁷. Refere-se ainda, em duas oportunidades, a conversas ouvidas na Comissão de Engenharia, que disse ser o “ponto clássico das melhores palestras do acampamento”³⁸. Por que iria Euclides da Cunha inventar todos estes encontros com Siqueira de Menezes? Há, porém, alguma coisa mais. Na sua caderneta de notas, guardada como já dissemos no Instituto Brasileiro, encontrou Eloi Pontes estas anotações de Euclides da Cunha: “Fui com o tenente-coronel Siqueira até próximo de uma pedra que verificamos ser

³⁵ CUNHA, Euclides da. *Idem*, p. 103.

³⁶ *Idem*, p. 106.

³⁷ *Idem*, p. 121.

³⁸ *Idem*, pp.98 e 105.

mármore negro. Almocei com Guabiru e jantei com Alípio”³⁹. Outro biógrafo de Euclides da Cunha, o educador Francisco Venâncio Filho, informa que foi em Joá, localidade próxima a Canudos, que se deu o encontro de seu biografado com o chefe da Comissão de Engenharia⁴⁰.

Também na imprensa da época, há uma notícia que confirma as relações de conhecimento entre Siqueira e Euclides. Está no **Jornal de Notícias**, da Bahia, edição de 27 de outubro de 1897. Vejamo-la: “Consta que o Dr. Siqueira de Menezes deseja publicar um estudo sob o ponto de vista militar, político, social e religioso do grupo conselheirista. Compreende também uma apreciação detida e imparcial das observações que fez sobre o original e simpático tipo brasileiro do vaqueiro ou sertanejo. Este trabalho foi mostrado ao inteligente Dr. Euclides da Cunha”.

A convivência com Siqueira de Menezes, naqueles dias dramáticos, levou Euclides da Cunha a incluir o destemido sergipano na lista dos seus amigos. Não estamos fazendo suposições. Podemos documentar a afirmação. Em junho de 1904, quando estava pleiteando uma comissão à Amazônia, escreveu, numa carta endereçada a José Veríssimo, um dos patronos de sua pretensão: “Não há temer-se a oposição de um espectro, o Exército, por causa dos **Sertões**. Tenho lá, mesmo naqueles lugares, amigos, – bastando citar o nome de Siqueira de Menezes. Além disso, o rancor despertado pelo livro vai muito atenuado”⁴¹.

³⁹ PONTES, Eloy. *A Vida dramática de Euclides da Cunha*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1938. p. 120.

⁴⁰ VENÂNCIO FILHO, Francisco. *A glória de Euclides da Cunha*. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1940. p. 23. Desconhecemos a fonte em que o dedicado euclidiano bebeu a informação. Supomos que tenha sido a mencionada caderneta, que infelizmente ainda não tivemos ensejo de consultar.

⁴¹ VENÂNCIO FILHO, Francisco. *Euclides da Cunha a seus amigos*. São Paulo: Comp. Editora Nacional, 1938. p. 127.

Realmente, na época citada, ocupava Siqueira de Menezes, já general, o cargo de prefeito do Alto Purus, que deixou, em começo de 1905, quando seguiu para a Bahia, segundo informa o criterioso pesquisador sergipano Armindo Guaraná⁴². Ao passar por Manaus, quando regressava ao sul, em janeiro ou fevereiro, Siqueira Menezes encontrou Euclides da Cunha que chegara à capital amazonense, como chefe de Comissão de Reconhecimento do Alto Purus, a 30 de dezembro de 1904. Contou-nos, certa vez, o engenheiro Arnaldo Pimenta da Cunha, integrante da referida Comissão, que Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes estiveram conversando, longamente, na maior cordialidade, defronte do teatro de Manaus. Podemos acrescentar, com documento existente no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, que Siqueira de Menezes foi portador, nesta oportunidade, de uma fotografia da Comissão de Reconhecimento do Alto Purus enviada por Euclides da Cunha a seu tio, José Rodrigues Pimenta da Cunha, pai do já mencionado engenheiro Pimenta da Cunha, que figura no grupo retratado. Existe, na Casa da Bahia, devidamente emoldurada, cópia da fotografia original, contendo a seguinte inscrição: No verso desta fotografia se lê com a letra de Euclides da Cunha: “José Rodrigues Pimenta da Cunha. Bahia. P.E.F. do general Siqueira de Menezes (Arnaldo)”.

Os dados que apresentamos, todos merecedores de maior crédito, destroem, ao nosso ver, a declaração de Siqueira de Menezes, trazida ao conhecimento público pelo embaixador Gilberto Amado.

5 - Resta-nos, agora, o terceiro ponto, isto é, a conclusão a que chegou Gilberto Amado, lamentavelmente alicerçado em base precária. Para ele, segundo mostramos anteriormente, o “jagunço alourado” é uma criação de Euclides da Cunha Siqueira, é, apenas, um herói de **Os Sertões**.

⁴² GUARANÁ, Armindo. *Op. cit.*, p. 181.

Perguntaremos, então: sendo, indubitavelmente, um dos heróis do grande livro, teria sido o bravo soldado, em verdade, um dos heróis de Canudos? A pergunta, que muitos julgarão descabida, justifica-se plenamente. Há quem pense, como é o caso de Gilberto Amado, que **Os Sertões** não deve ser considerado, rigorosamente, um livro de história. Opinião, digamos desde logo, de certo modo abonada por um amigo e admirador do infortunado fluminense, Afrânio Peixoto, que proclamou, discursando na Academia Brasileira de Letras: “Não é um livro de história, de estratégia ou geografia, é apenas o livro que conta o *efeito dos sertões* sobre a alma de Euclides da Cunha”⁴³. Afrânio Coutinho, em trabalho aparecido na imprensa, já indagou se o grande livro não é obra de ficção⁴⁴. Na tradução francesa de **Os Sertões**, deparamos esta expressiva classificação – “*roman historique*”. Bem podemos, portanto, em face do que ficou dito, mesmo sem tomar partido por enquanto, considerar que os heróis de **Os Sertões** não são, forçosamente, os heróis de Canudos. A ardente imaginação de Euclides da Cunha, convenhamos, possuía capacidade para criar seu mundo especial de heróis. Siqueira de Menezes podia estar incluído neste majestoso quadro. Em verdade, porém, tal não sucedeu. O “jagunço alourado” é um herói de **Os Sertões**, mas também é um autêntico herói de Canudos. Alinhemos alguns depoimentos em favor desta tese: “No trem ordinário de segunda-feira”, noticiava o **Diário da Bahia**, a 21 de outubro de 1897, “chegou de Canudos o heróico coronel Dr. Siqueira de Menezes. São inestimáveis os serviços prestados pelo ilustre militar à República, com o seu talento e conhecimentos técnicos, com o seu denodo e com seus ideados planos de ataque. Para terminação desta luta terrível talvez tenha sido o coronel Dr. Siqueira o que mais tenha concorrido, com a tomada dos melhores pontos estratégicos inimigos. Nós que tivemos os primeiros, a satisfação e a honra de salientar seus feitos, cumprimos-lo em nome da Bahia agradecida”.

⁴³ PEIXOTO, Afrânio. *Poeira da Estrada*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson Inc., 1947. p. 33.

⁴⁴ COUTINHO, Afrânio. "A TARDE", Salvador, 4 de nov., 1952.

Alvim Martins Horcades, estudante de medicina que serviu nos hospitais de sangue durante a campanha, autor de um livro corajoso onde critica fortemente alguns chefes militares, assim escreveu a respeito do “olhar da expedição”:
“Também nesse dia (sete de setembro) às duas horas da tarde, a alma de Canudos, o homem da ciência e da guerra, o militar e o homem ilustrado, tenente-coronel Dr. Siqueira Menezes, com o 9°, o 22° e o 34° tomou a estrada do Cambaio, para onde havia marchado no dia 4...” E, mais adiante: “Além disto o ilustre cidadão a que me refiro sabe ser soldado e homem ilustrado, sabe manejar a arma quando preciso e a pena quando necessário. E além de tudo, sabe ser militar ilustre, porquanto compreende o que é generosidade. Obedecendo a seus princípios de educação não pratica os atos de vandalismo que outros têm honra em fazer, não havia um só jagunço, *quer manso quer bravo*, que não aceitasse o nome honrado de Siqueira de Menezes⁴⁵

O brigadeiro Marcos Evangelista da Costa Vilela Júnior, sargento de artilharia na época da guerra sertaneja, conta, nas suas memórias, que Gustavo Barroso divulgou em **O Cruzeiro**, de 27 de outubro de 1956, um fato que revela a extraordinária coragem pessoal do ilustre militar. Ouçamo-lo: “Neste momento, estava á direita do meu canhão, a uns dez ou quinze metros, coronel Siqueira Menezes, comandante de Engenharia, com um embornal de lona cheio de pentes de munição de fuzil e com um mosquetão, troteando, dando prova de sua alta bravura, pois não era combatente e, portanto, nada tinha com o que se passava na linha de frente”⁴⁶.

Henrique Duque Estrada Macedo Soares, tenente de infantaria, tendo participado da guerra do Conselheiro e escrito um livro bem interessante, também destaca elogiosamente o papel do chefe da Comissão de Engenharia.

⁴⁵ HORCADES, Alvim Martins. *Descrição de uma Viagem a Canudos*. Bahia: Lito-Tipografia Tourinho, 1899. p.48.

⁴⁶ José Bonifácio Fortes, em artigo publicado na imprensa sergipana a respeito da revelação de Gilberto Amado, registrou o depoimento do brigadeiro Vilela Junior, no que diz respeito à atuação de Siqueira Menezes.

“A maneira como o tenente-coronel Siqueira de Menezes desempenhou-se do encargo”, diz o autor citado, granjeou-lhe francos aplausos das forças, pondo em evidência elevadas qualidades de oficial preparado para os mais altos cometimentos, revelando, a par de atividade e tino poucos comuns, ampla intuição do serviço de que foi encarregado, mostrando ser oficial completo de Estado Maior, completamente despido de quaisquer preocupações que pudessem empanar o brilho do seu espírito verdadeiramente militar”⁴⁷. Noutro trecho, tratando de uma marcha levada a efeito pelo mesmo oficial, afirma o tenente Macedo Soares; “Tal foi, narrada em breves termos, a importante marcha estratégica, realizada pelo tenente-coronel Siqueira de Menezes, operação em que este oficial revelou qualidades de consumado militar e que tanto o recomendam”⁴⁸. O tenente-coronel Dantas Barreto, outro participante da luta, no seu livro ***Última Expedição a Canudos***, conceituou a propósito do seu companheiro de farda: “O tenente-coronel Siqueira de Menezes, de quem não se podia duvidar, tal era a confiança que o seu temperamento varonil e o seu carácter altivo inspiravam”⁴⁹. Finalmente, a palavra autorizadíssima do general Artur Oscar, comandante da Quarta Expedição contra Canudos, consignada em documento oficial: “O tenente-coronel José Siqueira de Menezes é de uma bravura excepcional e será um excelente chefe de estado maior”⁵⁰. Os conceitos que acabamos de transcrever, comprovando as qualidades intelectuais e morais, a bravura pessoal e os conhecimentos técnicos de Siqueira de Menezes, são suficientes para assegurarem ao “jagunço alourado” um posto definido no quadro dos heróis de Canudos. O perfil que dele nos deu Euclides da Cunha, naturalmente com as cores fortes do seu estilo, não é obra de imaginação. Julgamos que o “jagunço alourado” mantém, em face de documentação que

⁴⁷ SOARES, Henrique Duque Estrada Macedo. *A guerra de Canudos*. Rio de Janeiro: Tip. Altina, 1902. p. 279.

⁴⁸ *Idem*, p. 284.

⁴⁹ BARRETO, Dantas. *Última Expedição a Canudos*. Porto Alegre: Franco Irmãos. Editores, 1898. p. 33.

⁵⁰ CANTUÁRIA, João Tomás. *Relatório apresentado ao Presidente da República*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898. p. 174.

conseguimos respigar, sua condição da personagem histórica, de herói de Canudos, apesar da tentativa de seu sepultamento nas páginas deliciosas da ***Mocidade no Rio e Primeira Viagem à Europa.***

(Separata das Actas do Colóquio de Estudos Etnográficos “Dr. José Leite de Vasconcelos” – vol. II) – Porto 1960

A guerra dos canudos no Cancioneiro popular do Brasil

1. Antonio Vicente Mendes Maciel, vulgarmente chamado *Antonio Conselheiro* e também cognominado *Bom Jesus Conselheiro*, o mais famoso chefe carismático do Brasil, surge no cenário histórico do nosso País nas derradeiras décadas do século passado. Sempre vestido num surrado camisolão azul, barbas e cabelos compridos, magríssimo, alimentando-se muito pouco, conversando quase por monossílabos, frequentemente em atitudes contemplativas, o *Santo Conselheiro* gostava, todavia, de pregar aos sertanejos nordestinos, indicando-lhes, nos *conselhos* que dava, o caminho da salvação, condenando o luxo e a dissolução dos costumes, recomendando a prática dos jejuns, combatendo o regime republicano, apontado como criação do demônio. Suas constantes pregações, entremeadas de citações latinas, arregimentaram milhares de fanáticos, homens e mulheres, velhos e moços, muitos dos quais abandonavam seus lares, desfazendo-se mesmo dos bens que possuíam, para seguir o singular peregrino cearense nas suas constantes caminhadas através dos ínvios sertões brasileiros, onde o beato ia levantar cemitérios e construir igrejas. Em 1893, depois de muito peregrinar nas terras da seca, *Antonio Conselheiro* ficou morando no pequeno arraial de *Canudos* situado à margem esquerda do rio Vaza-Barris, em pleno sertão da Bahia, numa posição depois considerada estratégica. O crescimento vertiginoso e impressionante da localidade - que os *conselheiristas* denominavam *Belo Monte* – em pouco tempo transformada numa verdadeira cidadela

fanática, onde as autoridades civis e religiosas não exerciam a menor influência, levou o Arcebispo da Bahia, com o apoio do Governador do Estado, a tentar em 1895, com capuchinhos italianos, restaurar o prestígio da Igreja no seio da comunidade, donde os frades saíram debaixo de assuadas e ameaças. O malogro da missão, comentado na imprensa, não provocou qualquer reação oficial. Pouco mais de um ano decorrido, porém, como constasse que jagunços de *Canudos* iam atacar a cidade de *Juazeiro*, resolveu o Governo do Estado enviar contra eles uma pequena força policial, obrigada a recuar diante da agressividade dos sertanejos fanatizados. Era o começo de uma terrível luta fratricida. O insucesso de duas novas expedições, organizadas com forças regulares do exército, nos primeiros meses de 1897, transformou o caso regional num intrincado problema da Nação. *Canudos* tomou aspecto político; *Antonio Conselheiro* passou a ser apontado como um poderoso agente da restauração monárquica.

Mobilizou-se o País, os bons e leais republicanos foram chamados às armas; uma onda de *jacobinismo* dominou os principais pontos do Brasil. Milhares de soldados marcharam contra o *Império do Belo Monte*, cuja resistência heróica surpreendia e alarmava. Afinal, em Outubro de 1897, terminou, com o extermínio completo dos *conselheiristas* a pugna sangrenta. A tremenda luta dos sertões baianos, que tantas vidas ceifou, é chamada, na *História do Brasil Guerra de Canudos*, acontecimento que teve larga e profunda repercussão no meio do povo, dando, por isso mesmo, origem a um dos nossos mais importantes ciclos de “folclore histórico”, repleto de lendas, histórias, milagres, profecias, cantigas, versos gerais, ditos e expressões concernentes ao tempo do *Bom Jesus Conselheiro*.

2. Não pretendemos, nesta pequena colaboração trazida ao *Colóquio de Estudos Etnográficos “José Leite de Vasconcelos”*, estudar o ciclo mencionado, senão, somente, fixar um dos aspectos do tema geral: o sebastianismo no folclore de *Canudos*. Acreditamos que o assunto poderá interessar aos ilustres

mestres portugueses aqui presentes, aos quais desejamos prestar, com sinceridade e efusão d'alma, as homenagens do nosso mais alto apreço.

3. Euclides da Cunha, tomando contacto com o sertão baiano nos últimos dias da *Campanha de Canudos*, por ele memoravelmente estudada em livro imortal, constatou que o *sebastianismo* continuava vivo naquele longínquo pedaço do Brasil. São palavras do escritor: “Nem lhe falta para completar o símile, o misticismo político do sebastianismo. Extinto em Portugal, ele persiste todo, hoje, de modo singularmente impressionador nos sertões do norte”⁵¹. A afirmação de *Euclides da Cunha* que o autor teve ensejo de documentar, baseava-se em papéis recolhidos entre os próprios sertanejos vencidos, nas profecias e versos populares avaramente procurados pelos triunfadores. Numa profecia escrita, que *Euclides da Cunha* atribuiu ao *Conselheiro*, estava anunciada, de modo bem confuso, a vinda de D. Sebastião. Eis os seus termos: “Em verdade - vos digo, quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, dos fundos do mar D. Sebastião sairá com todo o seu exército. Desde o princípio do mundo que encantou com todo o seu exército e o restituiu em guerra. E quando encontrou-se afinçou a espada na pedra, ela foi até os copos e ele disse: “Adeus, mundo! Até mil e tantos a dois mil não chegarás. Neste dia quando sair com seu exército tira a todos no fio da espada deste papel de República”⁵².

Os versos de um *ABC*, igualmente recolhido na fase final da refrega, que consta da caderneta de campo de *Euclides da Cunha*, precioso documento arquivado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, comprovam também que *D. Sebastião* estava presente na imaginação das populações sertanejas. O autor de *Os Sertões* divulgou duas das quadras do *ABC*, onde aparecia o nome do malgrado Rei de Portugal, modificando, todavia, um pouco dos seus dizeres.

⁵¹ Cunha (Euclides da) – *Os Sertões* – (Campanha de Canudos) Laemmert e Cia, Rio, 1902, pág. 143.

⁵² Cunha (E.), op. Cit., 1756.

Senão, vejamos, como figuram na caderneta e no livro:

*Sebastião já chegou
com tamanho regimento
acabando com o Civil
e fazendo o casamento.*

*D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando com o civil
E fazendo o casamento.*

*Visita vem fazer
Rei D. Sebastião
Coitadinho daquele pobre
Que estiver na lei do cão.*

*Visita nos vem fazer
Nosso rei D. Sebastião
Coitado daquele pobre
Que estiver na lei do cão⁵³.*

No *ABC*, que deve ter sido escrito antes do início da guerra, há, ainda, uma outra trova alusiva a D. Sebastião. É a seguinte, que Euclides da Cunha deixou de incluir na sua grande obra:

*Ó que reis que formusura
Como é Sebastião
foi chamado pelo mundo
da portuguesa Nação.*

⁵³ Cunha (E.), op. Cit., pág. 213.

Jota Sara, poeta popular dos sertões da Bahia, autor do folheto “*História de Antonio Conselheiro*”, publicado há pouco tempo, fala, várias vezes, no nome de *D. Sebastião* a quem atribui relevante papel nos acontecimentos de *Canudos*. O aedo nordestino, que reflete, em muitos pontos do seu livrinho, ideias e informações ainda correntes no meio do povo, inclui até uma quadra cantada no tempo do *Bom Jesus Conselheiro*:

*Construiu em Monte Santo
O caminho da Santa Cruz
o povo dizia na reza:
“Do céu baixou uma luz
Quem não fizer o bem
D. Sebastião já vem
Mandado do Bom Jesus”.*

As alusões de *Jota Sara* ao rei *D. Sebastião* – que evidenciam a mesma atribuída na época de *Canudos*, são as seguintes:

*Reuniu-se tanta gente
Para o dia da Redenção
Esperaram o Salvador
E o Rei D. Sebastião
Gente fazia fileira
Foi a Tróia brasileira
Nos carrascos do Sertão.*

.....
.....
.....

*Desta triste retirada
Que rumaram ao sertão
A fome, a sede, o flagelo
Esse povo em oração*

*Morrer, sofrer e rezar
Porque iam ressuscitar
Com o D. Rei Sebastião.*

.....
.....
*Espalharam mil boatos
Por todo aquele sertão
Em Belos Montes já estava*

*O Dom Rei Sebastião
Dos montes corria azeite
A água do monte era leite
As pedras convertiam-se em pão.*

5. O ambiente de *Canudos* explica, perfeitamente, a presença de D. Sebastião nas histórias e versos do ciclo folclórico do *Bom Jesus Conselheiro*. Em primeiro lugar porque havia, indiscutivelmente uma tradição *sebastianista* nos sertões do Brasil. Durante a primeira metade do século XIX, por duas vezes, o sebastianismo eclodiu, de modo brutal, no interior pernambucano, próximo, portanto, à região de Canudos. Em 1819 e 1836, conforme o historiador Pereira da Costa, registraram-se os dramáticos episódios da *Santa Pedra* e do *Reino Encantado da Pedra Bonita*, quando a ressurreição do *Encoberto* fôra francamente admitida por grupos sertanejos que viam no reaparecimento do *Rei* o advento de uma era de prosperidade e enriquecimento. Querendo antecipá-la, os adeptos de D. Sebastião foram até ao sacrifício humano, derramando sangue de inocentes crianças. As duas crises de *misticopatía coletiva* terminaram dominadas pela ação policial⁵⁴. Deixaram, porém, raízes no seio das atrasadas e sofredoras populações nordestinas crentes nos milagres do rei *Dom Sebastião*. Por isso mesmo, quando caiu a monarquia brasileira, de forma surpreendente para os sertanejos, que viram no fato o dedo do diabo, o neto de D. João III

⁵⁴ Costa (Pereira da), Folk-lore Pernambucano, Rio, Livraria J. Leite, pág. 33.

surgiu como sendo o herói capaz de restaurar a dinastia dos *Braganças*. Podendo ressuscitar, poderia também operar o milagre da restauração, como ficou patente no documentário folclórico aqui registrado. Tomou, assim, em *Canudos*, o *sebastianismo* feição nova, deixando de ser o “anelo da redenção nacional”, de que falou João Lúcio de Azevedo⁵⁵ para representar, sobretudo, a esperança popular na restauração da monarquia brasileira.

José Calasans Brandão da Silva

⁵⁵ Azevedo (João Lúcio de.), *A evolução do sebastianismo*, Lisboa, Livraria Clássica, 1947, pág. 117.

A GUERRA DE CANUDOS NA POESIA POPULAR (DOCUMENTÁRIO FOLCLÓRICO)^(*)

Canudos é um momento difícil da vida brasileira. A campanha contra Antonio Conselheiro, que Euclides da Cunha fixou em livro magnífico, movimentou e preocupou o Brasil, fazendo convergir para os sertões baianos as atenções do nosso governo e do nosso povo.

No ano de 1897, quando a crise sertaneja atingiu seu ponto mais alto, o brasileiro não pensou noutra coisa senão naquela surpreendente e heróica resistência dos jagunços aos ataques das tropas aguerridas do exército nacional. Houve, então, a necessidade da mobilização dos recursos nacionais para a completa destruição do fanatismo conselheirista. Por seu turno, numa atitude suicida, o homem do Belo Monte empregou todas as forças ao seu alcance para conter os soldados vindos do litoral, defensores da ordem republicana, que a exaltação dos espíritos considerava seriamente ameaçada.

Numa mobilização geral, como no caso em apreço, também são convocados os poetas. A lira é arma de combate em muitas oportunidades. Versejando e cantando, o vate e o cantor contribuem para a vitória do seu grupo, exaltam seus heróis, ferem fundo os adversários, amenizam a desdita da grei. É sempre bom versejar e cantar.

Quem canta seu mal espanta

Cantar ajuda a viver.

Ajudando a viver, conseqüentemente ajuda a lutar. Sabiam desta verdade os brasileiros de ambos os lados que se bateram nas caatingas do sertão. Cessada a luta terrível, continuaram os trovadores rememorando os fatos, recordando as

^(*)Trabalho publicado pelo Centro de Estudos Baianos, n. 14, Salvador, Bahia, 1952.

figuras principais. O ciclo poético de Canudos avançou pelo tempo. O vulto histórico do Conselheiro passou para o domínio do folclore. Canta-se, hoje, em Cruz das Almas:

*Antonio Conselheiro
Vai guiando um avião
Chorei, chorei.*

Há, portanto, um grande número de composições da poética anônima que constitui o *cancioneiro histórico de Canudos*. Baseado em peças já registradas por alguns pesquisadores nacionais e, sobretudo, no material recolhido na tradição oral, consegui reunir um documentário apreciável, que noutra ensejo tentarei interpretar. Por enquanto, apenas o documentário.

1

*Do céu veio uma luz
Que Jesus Cristo mandou
Sant 'Antonio Aparecido
Dos castigos nos livrou*

(Sergipe - Sílvio Romero)

2

*Quem ouvir e não aprender
Quem souber e não ensinar
No dia de juízo
Sua alma penará.*

(Sergipe - Sílvio Romero)

3

*O sol já se levanta
Cheio de seu esplendô
Antonio substitue Jesus
Que do castigo nos livrou*

(Bahia)

4

*O Anti-Cristo chegou
Para o Brasil governá
Mas aí está o Conselheiro
Para dele nos livrá*

(Bahia - Euclides da Cunha)

5
*Quem quiser remédio santo
Lenitivo para tudo
Procure o Conselheiro
Que êle está lá nos Canudos*

(Sergipe)

6
*Antonio Conselheiro
Por ser conselheirista
Briga com o govêrno
Não tem medo da poliça*

(Bahia)

7
*Santo Antonio Conselheiro
Era um velho indiabrado
Fez trincheira na Igreja
Sem ser visto nem notado*

8
*Antonio Conselheiro
É home de opinião
Matou Moreira Cesar
E venceu seu batalhão*

(Bahia)

9
Antoninho Conselheiro

*É home de opinião
No barulho de Horácio
Pegava bala na mão*

10

*No dia do fogo primeiro
Mataram Antonio Conselheiro*

(Bahia)

11

*Quem será este selvagem
Este vulgo santarrão
Que encoberto de coragem
Fere luta no sertão*

(Rio - João do Rio)

12

*Quem tiver sua mulata
Prenda ela no cordão
Que Antonio Conselheiro
Tem unhas de gavião*

(Sergipe)

13

*Santo Antonio Conselheiro
Escreveu ao Presidente
Que urubu tá de bico doce
De comê carne de gente*

(Bahia)

14

*Era Antonio Conselheiro
De Canudos no sertão
Resistindo à força armada
Carabina e canhão*

(Bahia-Carlos Chiacchio)

15

*Conselheiro já foi trunfo
Já fez o morto vivê
Porém hoje tá plantado
Nunca mais é de nascê*

(Ceará)

16

*Já foi rei, já foi rei na Bahia
Porem hoje tá plantado
No currá da monarquia*

(Ceará)

17

*Nosso Antonio Conselheiro
No reconco da Bahia
Brigou treis anos
O Sinhô-Ô-lá-lá
A favô da monarquia*

(Bahia)

18

*Antonio Conselheiro
Vai guiando um avião
Chorei, chorei*

(Bahia)

19

*Coronel Moreira Cesar
Viva nosso Brigadeiro!
Viva o quinto de Policia!
Viva o Exercito brasileiro!*

(Bahia)

20

*Moreira Cesar
Quem foi que te matou?
Foi a bala de Canudos
Que o Conselheiro mandou*

(Bahia)

21

*Capitão Moreira Cesar
Chama-se “corta-pescoço”
Veiu agora nesta guerra
Deixar no sertão o osso*

(Bahia - A. Peixoto)

22

*Capitão Moreira Cesar
Chama-se bota-lombriga
Pois o chumbo é bom purgante
Prá limpeza da barriga*

(Bahia - A. Peixoto)

23

*Capitão Moreira Cesar
Anda de baixo p 'ra riba
Pois o medo é boa purga
P 'ra limpeza da barriga*

(Bahia - A. Peixoto)

24

*Coronel Moreira Cesar
Folha de cana caiana
Tomou chumbo dos jagunços
Foi morrer nas Umburanas*

(Bahia)

25

Coronel Moreira Cesar

*No de cana caiana
Tomou chumbo nas Queimada
Foi morrer nas Umbaranas*

(Bahia - A Peixoto)

26

*Capitão Moreira Cesar
Folha de cana caiana
Tomou chumbo nas Porteiras
Foi morrer nas Umburanas*

(Bahia - A Peixoto)

27

*Coronel Moreira Cesar
Olhos de cana caiana
Foi ferido nos Canudos
Foi morrer nas Umburanas*

(Sergipe)

28

*Capitão Moreira Cesar
Foi a guerra e não venceu
Está com oito que vence
Nas nove aribú comeu*

(Bahia - Pedro Calmon)

29

*Capitão Moreira Cesar
Quatorze guerras venceu
A terceira não inteirou
No Belo Monte morreu*

(Sergipe)

30

*Quando eu fui para Canudos
Moreira Cesar mais eu*

*Quando eu cheguei em Canudos
Moreira Cesar morreu.*

31

*O povo do Conselheiro
Por atirá como reza
Quando eu cheguei em Canudos
Mataram Moreira Cesar*

(Bahia)

32

*Capitão Moreira Cesar
Moradô do rio do Su
Foi brigá no Belo Monte
Foi dá carne aos urubús*

(Bahia)

33

*Moreira Cesar morreu
Ao colocar um canhão
Um jagunço deu-lhe um tiro
No fundo do coração*

(Bahia)

34

*Capitão Moreira Cesar
No seu cavalo alasão
Virava-se Jesuino
Venceremos batalhão*

35

*Venceremos batalhão
Certamente é de vencê
Que pra mandá a noticia*

Lá pro Rio de Janeiro

(Bahia)

36

O valente Moreira Cesar

Confiou na valentia

Dirigiu-se ao nosso Belo Monte

Para acabar com o Conselheiro

Quando ele morreu sem brigá

(Bahia)

37

Este Capitão Salomão

Comandante de artilharia

Tambem perdeu a vida

Com Moreira Cesar e Tamarindo

Quando com bravura nos repelia

(Bahia)

38

O Coronel Tupi Caldas

De fato nada temia

Mas perdeu da mesma maneira

Porque os atos do nosso Bom Jesus

Só o nosso Deus desfazia

(Bahia)

39

De Sergipe iam as tropas

A jornada era a pé

Passaram em Varzea da Ema

Tejipan e Macambira

Soldados cheios de fé

E outros cheios de ira

Eles eram comandados

Pelo bravo Savagé

(Sergipe)

40

Mandou fazer-me convite

General Artur Oscar

Para eu ir para Canudos

O Conselheiro acabar

Vou-me embora, vou me embora

Quando acabar de dansar

(Ceará - Gustavo Barroso)

41

Artur Oscar

Se você morrer

Vem me buscar?

42

Maria Helena

Se eu morrer

Você tem pena?

(Pernambuco)

43

O Alferes Vanderlei

É bicho de opinião

Quando foi para Canudos

Foi em frente ao batalhão

(Sergipe)

44

Alferes Francisco Teles

Por ser bicho de arrelia

Quando foi para Canudos

Baixou logo enfermaria

(Sergipe)

45

Tenente Olavo Gonçalves

Diz que um balasio levou

Chegou sem arranhão

Muita bravura contou

(Sergipe)

46

Tenente João Simões

A inspeção foi negada

Usou alho... e sal nas botas

Teve febre e perna inchada

(Sergipe)

47

Pobre tenente Zuzarte

Tão valente e denodado

Com fome comeu raizes

E morreu envenenado

(Sergipe)

48

Os urubus de Canudos

Escreveu ao Presidente

Que já tão de bico fino

De comê carne de gente

(Sergipe)

49

Quem fôr para Canudos

Leve contas p'ra rezá

Que Canudos é o inferno

Onde as almas vão pená

(Sergipe)

50

*Uma velha, muito velha
Das perninhas de socó
Assistiu o batalhão nono
Passar em Cocorobó*

(Sergipe)

51

*O navio que nos pegou
Era um pouco bandoleiro
Nos pegou na Bahia
Nos levou p'ro Conselheiro*

(Sergipe)

52

*O navio entrou na barra
O mundo ficou azul
Adeus Barra dos Coqueiros
Capital do Aracaju*

(Sergipe)

53

*As mulheres de Canudos
Guerream com agua quente
Os meninos com pedradas
Fazem voltar muita gente.*

(Sergipe)

54

*Os jagunços assaltam viveres
Barricas de bacalhau
Os soldados mortos à fome
Comiam raízes de pau.*

(Sergipe)

55

*Oh! meu camarada
Quem te trouxe por aqui?
Vim da guerra de Canudos
Mas eu não morri*

(Bahia)

*56
No dia de fogo cerrado
Mataram todo soldado*

(Bahia)

*57
Eu de um bem que conto bem
Mas de dois conto tudo
Viva o povo que morreu
Nesta guerra de Canudos*

*58
D. Sebastião já chegou
E traz muito regimento
Acabando o civil
E fazendo o casamento*

(Bahia - Euclides da Cunha)

*59
Visita nos vem fazer
Nosso Rei D. Sebastião
Coitado daquele pobre
Que tiver na lei do cão*

(Bahia - Euclides da Cunha)

*60
Garantidos pela lei
Aqueles malvados estão
Nós temos a lei de Deus*

Eles tem a lei do cão

(Bahia - Euclides da Cunha)

61

Bem desgraçados são eles

Para fazerem eleição

Abatendo a lei de Deus

Suspendendo a lei do cão

(Bahia- Euclides da Cunha)

62

Casamento vão fazendo

Só para o povo iludi

Vão casar o povo todo

No casamento civil

(Bahia - Euclides da Cunha)

63

Saiu D. Pedro II

Para o Reino de Lisboa

Acabou-se a monarquia

o Brasil ficou atôa

(Bahia - Euclides da Cunha)

64

Este povo está perdido

Está sem arrumação

O culpado disso tudo

É o chefe da nação.

(Bahia)

BIBLIOGRAFIA

ROMERO, Sílvio. *Cantos Populares do Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Alves & Cia., 1893.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

JOÃO DO RIO. *A alma encantadora das ruas*. Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro Editor, 1908.

CHIACCHIO, Carlos. *Euclides da Cunha: Aspectos singulares*. Salvador: Edições ALA, 1940.

CALMON, Pedro. *História do Brasil na Poesia do Povo*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, s.d.

PEIXOTO, Afrânio. *Missangas*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1931.

BARROSO, Gustavo. *Ao som da viola*. Rio de Janeiro, 1921.

GOYAZ, João. "Seguidilhas de Goiaz". *Revista da Língua Portuguesa*, Rio de Janeiro, n. 62, 1928.

SUBSÍDIOS PARA A BIBLIOGRAFIA DA CAMPANHA DE CANUDOS

AGUIAR, DURVAL VIEIRA DE – **Descrições práticas da Província da Bahia**, Bahia. Tipografia do Diário da Bahia, 1888, 319 p., VII, IV.

– Referência ao encontro do autor com Antonio Conselheiro, na então vila do Cumbe, hoje cidade de Euclides da Cunha, onde o peregrino cearense estava dirigindo as obras a igreja local. (p. 76) (1)

ALMEIDA, FELIX GASPAR DE BARROS E. – **Relatório da Secretaria da Polícia e Segurança Pública apresentado ao Exmo. Snr. Dr. Luiz Viana, Governador de Estado pelo chefe da Segurança Pública**. Bahia. Lito Tipografia de Wilcke, Picard Cia.

– Relatando as atividades da Secretaria de Segurança Pública, o titular presta informações a respeito da atuação da polícia baiana no caso de Canudos. (2)

– **Relatório apresentado ao Governador do Estado, Exmo. Snr. Cons. Luiz Viana pelo Secretário do Estado da Bahia**, Bahia. Lito Tipografia e Encadernação Tourinho, 1898.

– Contém informações a respeito da participação da Secretaria na restauração da ordem nos sertões. (3)

AMADO, GILBERTO. – **Mocidade no Rio de Janeiro Viagem à Europa**. Rio. Livraria José Olímpio, 1956.

– No capítulo "Aracaju, Siqueira de Menezes e o Bacoa" o memorialista trata da atuação de Siqueira de Menezes em Canudos. (4)

ANDRADE, A. PROTÁSIO V. DE. – **Um óbulo**. Rio. Tipografia da Indústria do Livro, 1933, 77 p.

– Série de artigos versando assuntos espíritas. O autor, soldado na campanha de 1897, enaltece o procedimento corajoso do coronel Tomás Tompson Flôres e do capital Altino Dias Ribeiro, citando atos por eles praticados durante a luta de Canudos (p. 11). (5)

ARAGÃO, ANTONIO FERRÃO MONIZ DE. – **A Bahia e seus Governadores na República**. Bahia. Imprensa Oficial do Estado, 1923, 395 p., il.

– Tratando do quadriênio de Luiz Viana, quando se travou a luta sertaneja, relata, sucintamente, os acontecimentos de Canudos, considerando que o otimismo do Governador contribuiu, na fase da Campanha, para agravar a situação. Elogia a posição assumida por Luiz Viana face às atitudes de elementos militares. (6)

ARAGÃO, PEDRO MONIZ DE. – **Canudos e os monarquistas**, "Rev. do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano". Pernambuco. Vol. XXXIX, 1904, p. 204 e 254.

– Bom estudo da situação política do País no tempo da guerra de Canudos. Mostra a atuação dos republicanos exaltados contra os monarquistas acusados de conivência com os jagunços do Conselheiro, visando a restauração do trono. Documentação colhida na imprensa e nos anais parlamentares da época. (7)

ARAUJO, ELÍSIO DE. – **Através de meio século**. S. Paulo – 1932.

– Segundo Pedro Calmon, o autor apresenta um relato, sem conclusões, das investigações policiais em torno dos embarques de armas para Canudos. Não conhecemos a obra citada. (8)

ARAUJO, OSÉAS MOREIRA DE. – **Notícia sobre a Polícia Militar da Bahia no século XIX**. Obra aprovada pelo 1º Congresso de História da Bahia. Bahia, Imprensa Oficial, 1949, 311 p. il.

– Estudando a história da corporação militar a que pertence, o autor focaliza o papel desempenhado pela tropa baiana na luta contra os fanáticos de Antonio Conselheiro, tratando, especialmente, do Quinto da Polícia, batalhão criado em 1897. – Ordens do Dia, traços biográficos de oficiais que participaram das operações militares. (p. 132 a 146) .

(9)

ASSIS, MACHADO DE. – **A Semana**. 1895-1900. Rio. W. M. Jackson/Inc. 1944
3.º vol.

– O grande prosador brasileiro, em algumas de suas crônicas semanais, escreveu sobre Antonio Conselheiro, divulgando e comentando notícias da Imprensa (Vide pags. 286, 356, 412 e 418 e 423). (10)

AZEVEDO, JOÃO LÚCIO DE. – **A evolução do sebastianismo**, 2ª ed. corrigida e simplificada. Lisboa – Livraria Clássica, Editôra, 1947.

– Estribado n'**Os Sertões**, João Lúcio de Azevedo tece sugestivos comentários em torno do sentido **sebastianista** no caso de Canudos (p. 117). (11)

BARRETO, DANTAS. – **Acidentes de Guerra**, 2ª ed. Recife. Edição da Livraria Econômica, 1914, 328 p.

– Narrativa, entremeada de um episódio romanesco, da Campanha do Conselheiro, especialmente estudada na parte relativa à Terceira Expedição, comandada pelo coronel Antonio Moreira César. (12)

– **Destruição de Canudos**. Pernambuco. "Jornal de Recife". 1912, IV, 300 p., il.

– Num artigo atribuído a João Ribeiro, publicado no Almanaque Garnier, lê-se a propósito desta obra: "A Guerra de Canudos ... não poderá ser estudada na sua fase senão neste livro que é a fonte mais segura e mais importante desses memoráveis sucessos e o único que merece a atenção dos estudiosos". Não conhecemos o trabalho. (13)

– **Última Expedição de Canudos.** Pôrto Alegre. Franco & Irmão, Editôra, 1898, 242 p., il.

– Apreciável contribuição para a história da campanha de Canudos, sobretudo na sua fase final. Traz fotografias de chefes militares, mapas e plantas da região. O autor foi um dos mais destacados oficiais da expedição Artur Oscar. (14)

BARRETO, ROMANO. – **Um leader carismático.** "Sociologia". S. Paulo - Vol. IV, Nº 3

– Estudo sobre Antonio Conselheiro como chefe carismático. Baseia-se n'**Os Sertões**, de Euclides da Cunha. (5)

BARROSO, GUSTAVO. – **Ao Som da Viola (Folclore).** Nova edição correta e aumentada. Rio de Janeiro. 1949. 595 p.

– Uma embolada cearense sobre a expedição Artur Oscar. (p. 503) (16) .

BARROS, OLÍVIO DE (AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO). – **Os jagunços.** Novela sertaneja escrita expressamente para "O Comércio de S. Paulo" e publicada por essa folha. S. Paulo. Editor Antonio da Rocha Ribeiro. 1898, 473 p.

– Consta dos seguintes capítulos: "A Encomendação"; "o Missionário"; "O Vaqueiro"; "A Cidade Santa"; "A Expedição"; "Os Fanáticos"; "A Guerra"; "O último Reduto". Obra de bom sabor folclórico. Romance histórico detestável, na opinião de Araripe Junior (17)

BELÉM, ARINOS DE. – **História de Antonio Conselheiro (Campanha de Canudos). Narração completa.** – Suplemento de Guajarina. Casa Editôra. Estado do Pará

– História da campanha em versos. Arinos de Belém é pseudônimo de José Estêves, poeta paraense. O exemplar que consultamos pertence ao escritor Orígenes Lessa. (18)

BELO, JOSÉ MARIA. – **História da República, Primeiro Período – 1889-1902**
– Rio. Civilização Brasileira Editôra. 1940.

– O conflito é estudado nos capítulos XI e XII pgs. 223 e 234. (19)

BENÍCIO, MANUEL. – **O rei dos jagunços. Crônica Histórica e de costumes sertanejos sobre os conhecimentos de Canudos. Documentada e comentada.** Rio. Tipografia do "Jornal do Comércio", 1899. 409 p.

– Correspondente de "O Jornal do Comércio" junto à Quarta Expedição, o jornalista pernambucano recolheu boas informações a respeito dos costumes sertanejos em geral e da população de Canudos em particular. É também interessante a documentação das operações de guerra. (20)

BRÍGIDO, JOÃO. – **Ceará. Homens e fatos** – Rio de Janeiro, Tip. Bernard Frères, 531 p.

– Coletânea de artigos, aparecidos em datas diferentes, sobre vultos e fatos da história cearense. Dois deles versam sobre matéria concernente à família e à vida de Antonio Conselheiro. A contribuição de João Brígido foi aproveitada por Euclides da Cunha, Manuel Benício, Aristides Milton e outros que escreveram a respeito do Bom Jesus Conselheiro. (31)

CALASANS, JOSÉ. – **A Guerra de Canudos na poesia popular** – Bahia. Publicação do Centro de Estudos Baianos, nº 14. 1952, 15 p.

– 64 trovas populares, na maioria recolhidas nos Estados da Bahia e Sergipe.

– **O ciclo folclórico de Bom Jesus Conselheiro – (Contribuição ao estudo da Campanha de Canudos)** – Bahia. Tipografia Beneditina Ltda. 1950 -101 p.

– Tese de concurso para docência de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Bahia. Versos e estórias relativos aos feitos e milagres do

Santo Antonio Conselheiro, aspectos da luta. Registo de bibliografia do tema. (23)

– **Euclides da Cunha e Siqueira de Menezes** – Aracaju. Movimento Cultural de Sergipe – 1957.

– O autor procura esclarecer as revelações do escritor Gilberto Amado a propósito da atuação de Siqueira Menezes na luta de Canudos. (24)

– **O sebastianismo no folclore de Canudos** – Bahia, S. A. Artes Gráficas. – 1959.

– Notícias dos elementos folclóricos que indicam a existência de sebastianismo em Canudos. (25)

CALMON, PEDRO. – **História do Brasil. A República** – S. Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1956.

– Dois bons capítulos sobre a Guerra de Canudos. O historiador baiano não se restringiu ao trabalho de Euclides da Cunha. Leu os principais livros que tratam da questão. Inclui também informações pessoais. (26)

– **História do Brasil na poesia do povo**. Rio. Editôra "A Noite", 333 p.

– Alguns versos populares a respeito da guerra de Canudos – p. 290. (27)

– **História Social do Brasil. Época Republicana**. S. Paulo – Editôra Nacional, 1939. 3º vol.

– Boa síntese da Campanha (pags. 71 e segs .). (28)

CAMPOS, JOÃO DA SILVA. – **Tradições Baianas. – "Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia"** – Bahia, nº 56, 1930.

– Nesta valiosíssima coletânea de crônicas baianas, estão incluídas algumas referentes ao movimento conselheirista, a saber: "Santo Antonio no banco dos réus", p. 370; "De como ficou abaixo o prestígio de Antonio Conselheiro", p. 421; "Como um padre agoirou a morte de

Moreira César", p. 433 ; "Como se enterraram os derradeiros mortos de Canudos", p. 534. (29)

CANTUÁRIA, JOÃO TOMÁS – **Relatório apresentado do Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil pelo General da Divisão Ministro de Estado dos Negócios de Guerra em maio de 1898** – Rio. Imprensa Nacional, 1898.

– São de grande valor documental para a história militar da Companhia os anexos: "Forças em operações na Bahia" e "Partes de combate". (30)

CASTRO, SERTÓRIO DE. – **A república que a Revolução destruiu** – Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1933.

– Informações interessantes a respeito do ambiente político e militar do Brasil na fase da luta conselheirista. (31)

CELSO, AFONSO. – **O assassinato do coronel Gentil de Castro (subsídio para a história do regime republicano no Brasil)** – Paris, 1897.

– Narrativa dos acontecimentos da capital da República após a derrota e morte do coronel Moreira César, que culminaram com o assassinato de Gentil de Castro, apontado pelos jacobinos da época como o chefe monarquista em ligação com os jagunços de Canudos para a destruição da República. (32)

CÉSAR, OSÓRIO. – **Misticismo e loucura. Contribuição para o estudo das loucuras religiosas no Brasil** – S. Paulo. Oficinas Gráficas de Serviço de Assistência a psicopatas, 1939, 179 p. i1.

– Classifica Antonio Conselheiro como paranóico, na forma clínica de Kraepelin – o delírio do profeta, concluindo também que o milagreiro poderia ser colocado numa das formas de parafrenia correspondente à antiga demência precoce paranoide. pags. 114 a 121. (33)

CHIACHIO, CARLOS – **Euclides da Cunha. Aspectos singulares** – Salvador. Ed. A. L. 17 1940, 39 p.

– Contém versos da época da guerra e uma carta de Antonio Conselheiro, cujo original se encontra no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. (34)

CORDEIRO, BENEDITO T. – **Canudos – Limiar do Inferno – "Revista do Clube Militar"** – Rio de Janeiro ns. 147 e 148.

– Diário de um combatente. As notas foram escritas desde 3 de agosto até 17 de outubro de 1897. Tem interesse para a história da campanha. (35)

COSTA, OROSIMBO. – **A Epopéia de Canudos. "Revista do Clube Militar"** – Rio, nº Jan/Fev . 1955. (36)

CUNEGUNDES, JOÃO DE SOUZA. – **A Guerra de Canudos** – Livraria do Povo, de Quaresma & Cia. Rio.

– Temos conhecimento deste trabalho através de Basílio de Magalhães. (**O Folclore do Brasil**, 1939, pág . 13). Trata-se de uma história em versos da guerra, que foi publicada juntamente com composições da lavra de João Santana de Maria, vulgo Santaninha. Basílio de Magalhães não indica a data da publicação. (37)

CUNHA, EUCLIDES DA. – **Canudos (Diário de uma expedição)** – Rio, Livraria José Olímpio Editôra, 1939, 186 p., il.

– Artigos e telegramas que Euclides da Cunha enviou da Bahia para o "Estado de S. Paulo", gazeta que o credenciara para fazer reportagens de guerra. As reportagens serviram de base à elaboração de "**Os Sertões**", livro que Euclides planejara escrever antes mesmo de sua partida para o teatro de operações. (38)

– **Os Sertões (Campanha de Canudos)** - Rio, Laemmert & Cia. Editôres, 1902. VII, 632 p. il.

– Livro notável, que marcou época na história da literatura brasileira. A grande obra sobre Canudos. Vinte e três edições em língua portuguesa. Traduções em francês, inglês, castelhano, dinamarquês. (39)

DANTAS, SALOMAO DE SOUZA. – **Aspectos e contrastes – Ligeiro estudo sobre o Estado da Bahia** – Rio, Tipografia dos Tribunais –1922 – 197 p.

– Insere um capítulo sobre Canudos e Antonio Conselheiro, particularmente interessante quando fala do combate de Masseté, fato pouco conhecido dos autores que estudaram a sangrenta luta dos sertões. (40)

DANTAS, PAULO. – **Nordeste** – 1955. "**Revista Brasiliense**" – janeiro-fevereiro – 1956, pags. 59 a 63.

– Reportagem de uma viagem através do Nordeste, quando o jornalista passou em Canudos, tendo ouvido alguns dos sobreviventes da Campanha de 1897. (41)

– **Purgatório**. Romance - S. Paulo. Editôra Piratininga, 1955.

– Uma das personagens fala sempre no Bom Jesus Conselheiro. O romance desenrola-se após a destruição do arraial de Canudos.

DORIA, RODRIGUES. – **Epilepsia e epiléticos notáveis** – Bahia, Galdino Loureiro, Livraria Editôra, 1932, 52 p. il.

– O professor José Rodrigues da Costa Doria incluiu Moreira César entre os epiléticos notáveis do Brasil, comentando seu procedimento no ataque a Canudos. (43)

DORNAS FILHO, JOÃO. – **Apontamentos para a História da República**. Curitiba Editôra Guaíra Limitada, 1941, 329 p. n.

– Informações sobre a discutida remessa de armas para os canudenses feita por elementos monarquistas, constituem a parte mais importante do livro no que tange ao caso de Canudos. (44)

DUPRÉ – SENHORA LEANDRO. – **O cachorrinho Samba na Bahia**. São Paulo – Edição Saraiva – 1957 – 156 p. il.

– Bem desenvolvida história para crianças, onde são narrados os acontecimentos sangrentos dos sertões baianos. (45)

FACÓ, RUI. – **A guerra camponesa de Canudos. "Revista Brasiliense"** – novembro - dezembro -1958 - jan. fev. – 1959.

– O autor procura situar a campanha sertaneja "como expressão de rebeldia à prepotência dos latifundiários, reflexo de uma luta de classe em sua fase superior – a luta armada". (46)

GARCEZ, JOSÉ AUGUSTO. – **Canudos Submerso**. Edições do Movimento Cultural de Sergipe. Aracaju – A Nacional Livraria, 1956.

– Versos a respeito do próximo desaparecimento de Canudos, em conseqüência da construção do açude de Cocorobó. (47)

– **Guerra de Canudos** – 216 p.

– Versos populares narrando a vida do Conselheiro e guerra de Canudos. Nenhuma indicação de autor, local e época da publicação. Há um exemplar na Biblioteca da Faculdade de Filosofia da Bahia. O trabalho é conhecido na zona de Canudos, conforme verificamos em 1954. (48)

HELLER, FRANCISCO. – **Canudos, símbolo de um conflito cultural** – "Sociologia". S. Paulo, Vol. IV nº 3, 1942.

– Etribado no livro de Euclides da Cunha, o autor estuda aspectos do conflito de culturas que se evidencia na terrível guerra de 1897. (49)

HORCADES, ALVIM MARTINS. – **Descrição de uma viagem a Canudos**. Bahia, Lito-Tipografia Tourinho, 1899, 186 p., il.

– Estudante de Medicina, Martins Horcades integrou o grupo de acadêmicos que, espontaneamente, serviu nas enfermarias improvisadas da Quarta Expedição. Em seu livro descreve a viagem, menciona as relações entre acadêmicos e militares, condena corajosamente os degolamentos dos infelizes jagunços vencidos. (50)

– "**Jornal de Ala**" - Bahia, 1940. Ano II - Nº III

– Boa documentação iconográfica da Guerra, inclusive desenhos do pintor baiano Lopes Rodrigues. O número é dedicado a Euclides da Cunha. (51)

JOUTEX, FERNANDO. – **O Sertão. Grande ópera brasileira em 4 atos sobre a "epopéia de Canudos"**. Tradução portuguesa de Celso Brant. Belo Horizonte, Imprensa Oficial, 1952, 64 p.

– A peça já foi levada ao palco na Capital mineira. (52)

JUSTOS, JOÃO MENDONÇA. – Segundo Manuel Benício (**O Rei dos Jagunços** – p. 38) João Mendonça Justos escreveu uma monografia sobre Antonio Conselheiro, de quem era compadre. Teria sido publicada. (53)

LACOMBE, AMÉRICO JACOBINA. – **O Brasil. Período Nacional**. Instituto Panamericano de Geografia e História – México – 1956.

– Ligeiro comentário a respeito da "crise jacobina" de 1897 págs. 145. (54)

LEAL, JÚLIO CÉSAR. – **Antonio Maciel, o Conselheiro, drama em 4 atos** – Bahia, 1858.

– A nota acima é de Sílio Bocanera Junior, Autores e Atores. Bahia. Imprensa Oficial, 1923, p. 414, onde também se lê que o drama teve 2ª

edição, em folhetim do "**Jornal do Brasil**", a partir de 21 de fevereiro de 1897. Não conhecemos o trabalho. Julgamos, porém, que o drama não poderia ter sido escrito em 1858, época em que Antonio Vicente Mendes Maciel ainda vivia em sua terra natal, como está suficientemente comprovado. A data talvez seja 1885, considerando que o Conselheiro apareceu na Bahia por volta de 1874 e desde então começaram a surgir os boatos sobre sua vida. (55) "**Leitores e Livros**". Rio. Ano III, janeiro-março, 1953 – Nº 11.

– Motivada pelo cinquentenário d'Os Sertões, a publicação, editada pela Livraria Agir, contém artigos sobre Euclides – notícia da expedição organizada em 1952 pela Biblioteca Nacional, apresentando uma pequena bibliografia relativa à Campanha de Canudos. (56)

MANGABEIRA, FRANCISCO. – **Tragédia Épica (Guerra de Canudos)**. Bahia, Imprensa Moderna, de Prudêncio de Carvalho, 1900, 177 p.

– Participante da Campanha, como membro do corpo de saúde integrado pelos acadêmicos da Bahia, o jovem poeta Francisco Mangabeira traduziu, em emocionantes estrofes, impressões da guerra fratricida. (57)

MARCHAL, LUCIEN. – **Le Mage du Sertão**. Roman. Paris, Librerie Plon, 1952, 358 p. II.

– O autor, que esteve algum tempo no Brasil, escreveu o romance baseado n'**Os Sertões**, de Euclides da Cunha. (58)

MARTNS, FRANCISCO. – **A Aldeia Sagrada**. S. Paulo, Edições Melhoramentos, 102 p., il.

– História para meninos, que se desenrola no tempo do Bom Jesus Conselheiro, cuja figura é encarada com simpatia. A obra foi ilustrada por Osvaldo Storni. (59)

MELO, DANTE DE. – **A verdade sobre "Os Sertões" (Análise reivindicatória da Campanha de Canudos)** - Rio. Biblioteca do Exército - 1958 - p. 257.

– Livro de crítica à obra de Euclides da Cunha, que o autor julga injusta de relação ao Exército. (60)

MELO, VERÍSSIMO DE. – **O Folclore n'Os Sertões, "Bando"**, Revista da Casa de Euclides da Cunha, Rio Grande do Norte, ano V, vol. III, nº 4, 1953.

– Artigo fixando aspectos folclóricos dos sertões nordestinos e de Canudos, recolhidos por Euclides da Cunha. (61)

MENEZES, RAIMUNDO DE. – **Crimes e criminosos célebres** – S. Paulo, Livraria Martins Editôra, S. A., 1950, 261 p., il.

– Há um capítulo intitulado "Antonio Conselheiro – Um bandido que deu o que fazer", com algumas notas recolhidas pelo autor sobre a vida do milagreiro nordestino. (62)

MILTON, ARISTIDES AUGUSTO. – **A Campanha de Canudos**. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. "**Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**" – Rio. Tomo LXIII, Parte II, 1901.

– Trabalho escrito por incumbência do próprio Instituto. Bem documentado. Um dos livros básicos para a História de Canudos (p. 5 a 147). (63)

MONTE MARCIANO, JOAO EVANGELISTA DO. – **Relatório apresentado ao Arcebispado da Bahia sobre Antonio Conselheiro**. Bahia, Tipografia do "Correio de Notícias", 1895, 8 p.

– Documento da maior importância para o conhecimento de Antonio Conselheiro e sua gente. João Evangelista, capuchinho italiano, fez uma missão no arraial de Canudos, em 1895, que não produziu os resultados almejados. Malograda a missão, dela ficaria um bem elaborado Relatório, possivelmente revisto pelo Mons. José Brasília Pereira,

grande figura do clero baiano em sua época e amigo do missionário.
(64)

MONTENEGRO, ABELARDO F. - **Antonio Conselheiro**. Fortaleza, 1954, 73 p.
– A mais informativa biografia do Bom Jesus Conselheiro. Alguns documentos novos foram apresentados pelo pesquisador cearense. (65)

MOREIRA, ALBERTINO. - **Bôca-Pio**. Edição da "Organização Simões", Rio, 1955. 213 p.
– Livro de contos. Um deles, intitulado "Alferes Vanderlei", foi inspirado n'**Os Sertões**. No conto "Bôca-Pio", que dá nome ao livro, há também referência a fatos do tempo de Antonio Conselheiro. (66)

NERI, ANTONIO CONSTANTINO – **A Quarta Expedição contra Canudos. Cem léguas através do sertão. De Aracaju a Queimadas – Via Canudos (Diário da Campanha)** . Pará, 1898. Tipografia Pinto Barbosa & Cia. VI 151 p., il.
– Narrativa da campanha, de interesse maior quanto à marcha da coluna Savaget, que seguiu de Aracaju para Canudos. O autor, oficial do Exército, deixou Monte Santo, base de operações, em 2 de agosto de 1897, carecendo de importância as notas registradas após aquela data.
(67)

NONATO, RAIMUNDO. - **A cidadela de Canudos**. "Bando". Revista da Casa de Euclides da Cunha. Rio Grande do Norte. Ano V vol , III, nº 4, 1953.
– Pequeno artigo, quase todo de transcrições de trechos de Euclides da Cunha, p. 389.

NUNES, JÚLIO PROCÓPIO FAVILA – **História de Canudos, narrativa documentada da campanha dos sertões do Estado da Bahia**, Rio, 1898.

– Informa Sacramento Blake, **Dicionário Bibliográfico Brasileiro**, vol. V, p. 266, que a publicação foi feita em fascículos. Favila Nunes esteve na guerra de Canudos como representante da "Gazeta de Notícias", do Rio. (69)

OLIVEIRA, J. B. DE SÁ – **Evolução Psíquica dos Baianos**. Bahia. Tipografia Baiana. 1898. 68 p.

– Em ligeiras notas, comentários sobre Canudos. Artur Oscar é apontado como degolador dos jagunços. p. 68. (70)

OLIVEIRA, XAVIER DE. – **Beatos e cangaceiros** - Rio, 1920.

– Pequenas informações a respeito de cangaceiros cearenses que combateram em Canudos. (71)

– **Espiritismo e loucura**. - Rio de Janeiro - A. Coêlho Branco Fº - 1931.

– Na 1ª parte do livro, intitulada "Da fator religioso em psiquiatria", o médico cearense estuda a loucura do Conselheiro (ps. 26 a 66). (72)

OLIVEIRA, FRANCISCO XAVIER DE. – **Reminiscências da Guerra de Canudos. "Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia"**. Vol. 68, ps. 102 e 107, 1942; vol , 69, ps. 149 a 181, 1943.

– Reminiscências de um estudante de Medicina, que trabalhou nos serviços de saúde da Quarta Expedição. Além do que viu nos sertões, Francisco Xavier de Oliveira dá notícias das atividades nos hospitais da Capital e dos movimentos estudantis da época. (73)

PALMEIRA, J. DA COSTA. – **A Campanha do Conselheiro**. Rio. Calvino Filho, editor, 1934, 212 p.

– Trabalho sem o mínimo valor, confuso e cheio de erros. (74)

PASSARINHO, JARBAS G. – **A minha experiência de Campanha. "Revista do Clube Militar"**, Rio. nº 137, maio/junho/55.

– Entrevista concedida pelo brigadeiro Marcos Vilela Junior, que tomou parte na luta de Canudos. De grande interesse as informações sobre o capitão Salomão da Rocha, comandante da artilharia da expedição Moreira César. (75)

PASSOS, ALEXANDRE. – **Manoel Vitorino e o desencanto político**. Irmãos Pongetti Editôres, Rio de Janeiro 1956.

– Dois capítulos contendo boas informações e oportunos comentários sobre os conhecimentos de Canudos, principalmente a respeito da atuação de Manuel Vitorino, em cuja interinidade na presidência da República foi organizada a expedição Moreira César. (76)

PEIXOTO, AFRÂNIO. – **Epilepsia e crime**. Bahia. MDCCCXCVII. 197 p.

– As últimas páginas do livro são dedicadas à doença de Moreira César, com o respectivo diagnóstico. Faz menção especial aos acessos convulsivos que sofreu o comandante da Terceira Expedição, quando marchava na direção de Canudos (p. 194 e segs.) (77)

– **Missangas. Poesia e folclore**. S. Paulo - Companhia Editora Nacional, 1931.

– Registo de quatro quadras populares sobre Moreira César. (78)

PEREGRINO, UMBERTO – **"Os Sertões" como História Militar**. Coleção Taunay. Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro – 1956. 75 p.

– Trabalho de grande importância, estudando o livro de Euclides da Cunha sob o ponto de vista militar. É o único ensaio conhecido no gênero. (79)

PEREIRA, JOAO. – **A célebre passagem de Cocorobó – (Campanha de Canudos) – "Revista Militar Brasileira"**, Rio de Janeiro – Ns. 1 a 4, janeiro a dezembro de 1956. Imprensa do Exército 1956 - 10 p.

– Interessante estudo sobre um importante episódio da Campanha de Canudos. O autor, general do Exército, trata o assunto com muita segurança. (80)

– **Missão de paz a Canudos – "Revista Militar Brasileira"** – Rio – Ns. 1 e 2, janeiro a junho de 1957 – 15 p.

– Resumo, com ligeiros comentários, do Relatório de Frei João Evangelista do Monte Marciano, trabalho incluído na presente bibliografia. (81)

– **Arrancada heróica (Campanha de Canudos) – "Revista Militar Brasileira"** – Rio de Janeiro – ns. 1 e 2 – 1º semestre de 1958. Imprensa do Exército – 1958.

– O autor trata do combate travado em Canudos a 18 de julho de 1897. (82)

PIEDADE, LÉLIS, – **Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia.** Bahia, Lito-Tipografia e Enc. Reis & Cia. 1901, 182 p. LVIII e XXIX, il.

– Publicação dividida em três partes, sendo a primeira dedicada ao histórico das atividades do Comitê Patriótico, organização destinada ao auxílio das vítimas da guerra; a segunda consta de artigos do jornalista Lélis Piedade enviados ao "Jornal de Notícias", da Bahia, sobre os últimos dias da guerra; e finalmente o Relatório da Comissão especial encarregada de recolher os sertanejos que foram aprisionados em Canudos. Os artigos de Lélis Piedade e o Relatório são valiosos. (83)

– **Por Protesto e Adoração – In memoriam de Euclides da Cunha** – Edição do Grêmio Euclides da Cunha, 1919, 322 p., il.

– Publicação contendo vários estudos sobre Euclides da Cunha e suas obras, especialmente **Os Sertões**. Em alguns trabalhos, deparamos achegas ao conhecimento da guerra de Canudos. (84)

PONTES, CARLOS. – **Motivos e aproximações** – Prefácio de Hermes Lima. Rio. "Jornal do Comércio", 1953 – 236 p.

– No artigo "O Drama do Conselheiro", p. 71, fala o escritor num crime que Antonio Conselheiro teria praticado no Ceará, tecendo considerações em torno da peça de Júlio César Leal, Incluída nesta bibliografia. (85)

PONTES, ELÓI. – **A vida dramática de Euclides da Cunha** - Rio. Livraria José Olímpio Editôra, 1938, 248 p., il.

– No capítulo "Ainda uma vez: vida nova", Elói Pontes estuda a guerra de Canudos através das páginas de Euclides da Cunha. (86)

RABELO, SÍLVIO. – **Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro. Coleção Estudos Brasileiros da Casa do Estudante do Brasil (CEB) 1948. 463 p. il. (87)

– Neste ensaio crítico-biográfico, que consideramos o melhor estudo sobre Euclides da Cunha, há três capítulos: "Legenda do Bom Jesus", "O repórter de guerra" e "Livro Vingador", que tratam de Antonio Conselheiro e seus seguidores.

RAMOS, PEDRO DE SOUZA. – **Sôbre Canudos**. Poesia. Mandado imprimir pelo major José Augusto de Faria. Bahia. Lito-tipografia Almeida, 1908 - 6 p.

– Pequeno poema a respeito da luta que se estava travando nos sertões baianos. Embora publicados em 1908, os versos foram escritos no tempo da Campanha. (88)

ROCHA POMBO, JOSÉ FRANCISCO DA. – **História do Brasil**. Benjamin de Aguilã, Editor. Rio de Janeiro. – No volume X, pags . 401 e seguintes, transcreve o resumo feito pelo padre Galanti dos livros de Euclides da Cunha e Aristides Milton sobre a Campanha de Canudos. (89)

ROSSI, CAMILO T. – **Antonio Conselheiro ou a Revolução de Canudos.** – Areia (Bahia) 1906 - Tipografia d'"A Tribuna".

– Drama histórico original brasileiro com um prólogo e cinco atos. (90)

RIBEIRO, PRADO. – **Vida sertaneja. Usos e costumes do sertão baiano.** Bahia. Oficinas Gráficas d'"A Luva" 262 p.

– Há um pequeno capítulo, Canudos p. 89, com interessantes estórias ouvidas no interior da Bahia a propósito de milagres do Conselheiro e das origens da guerra. (91)

RODRIGUES, NINA. – **As coletividades anormais.** Prefácio e notas de Artur Ramos – Rio – Civilização Brasileira, S. A. Editôra. 1939 – 322 p.

– Contém "A loucura epidêmica de Canudos", "Antonio Conselheiro e os jagunços", e "A loucura das multidões", "Nova contribuição ao estudo das loucuras epidêmicas no Brasil", dois grandes trabalhos, publicados, inicialmente, em revistas do Brasil e da França. (92)

ROMERO, SÍLVIO. – **Cantos populares do Brasil.** Rio – Livraria Clássica de Alves & Comp. – 1897 - 377 p .

– Reprodução do trecho sobre o aparecimento do Conselheiro, que está no livro **Estudos sobre a poesia popular no Brasil**, com o acréscimo, em nota de pé de página: "Supúnhamos já falecido este tétrico fanático, quando agora aparece ele nos sertões da Bahia, à frente de um verdadeiro exército de crentes, a fazer depredações de todo gênero". p. VII. (93)

– **Estudos sobre a poesia popular no Brasil** - Tipografia Laemmert & Cia. 1888, 365 p.

– Pequena notícia sobre o aparecimento nos sertões da Bahia e Sergipe de um penitente chamado Antonio Conselheiro, que impressionava vivamente as populações sertanejas. Duas quadras populares a respeito

do "Santo". Deve ser a mais remota referência ao milagreiro publicada em livro p. 21. (94)

SANTOS, JOAO FELICIO DOS. – **João Abade**. Rio de Janeiro– Livraria Agir Editôra – 1958 - 307 p., il.

– Romance onde aparecem as principais figuras de Canudos. O romancista informa que obteve muita notícia a respeito da comunidade fanática através de depoimentos escritos e orais de participantes da guerra. A vida do arraial é muito bem fixada. (95)

SARA, JOTA – **História de Antonio Conselheiro. – A Guerra de Canudos 1893-1898** – Feira de Santana (Bahia) 30 p.

– História em versos da Guerra de Canudos, muito favorável ao Santo Conselheiro. Publicação recente. Jota Sara é pseudônimo de José Aras, poeta popular dos sertões baianos. (96)

SÍNZIG, PEDRO (Frei). – **Reminiscências d'um frade**. Ilustrações por H. Nibauer , Viena – Rio – Tip. das Vozes de Petrópolis. 1925.

– Nas suas memórias, o franciscano Pedro Senzig narra episódios da Campanha de Canudos, por ele presenciados, dando também notícias da vida de Antonio Conselheiro. Três capítulos do livro, págs. 142 a 204, são dedicados ao assunto, merecendo atenção, principalmente, o "diário" do religioso. (97)

SOARES, HENRIQUE DUQUE ESTRADA DE MACEDO. – **A Guerra de Canudos**. Rio. Tipografia Altina, 1902 – 400 p., il.

– Minuciosas informações a respeito do desenrolar das operações da Quarta Expedição, grande número de fotografias de oficiais que participaram da Campanha. Dados apreciáveis sobre a vida social de Canudos. (98)

SOBREIRA, AZARIAS. – **Vilanova e Antonio Conselheiro**. – "Revista do Instituto do Ceará". Fortaleza – Ano LXII, Tomo LXII – 1948.

– Boa notícia a propósito de Antonio Vilanova, um dos homens mais influentes de Canudos, que conseguiu sair da cidadela fanática antes da vitória legal. (99)

SOUZA, EUZÉBIO DE. – **Antonio Conselheiro em juízo** – "Revista Trimestral do Instituto do Ceará" . – Fortaleza – Tomo XXVI – 1912.

– O autor apresenta documentos relativos à penhora de bens de Antonio Vicente Mendes Maciel, no Ceará. (100)

TAVARES, ODORICO. – **Bahia: imagens da terra e do povo**. Rio. José Olímpio Editôra, 1951, 291 p., il.

– Quatro reportagens, na série que o jornalista publicou no "O Cruzeiro", interessam aos estudos da história de Canudos. "O repórter Euclides da Cunha"; "O reduto de Antonio Conselheiro"; "Os sobreviventes" e "Monte Santo". Os depoimentos de alguns sobreviventes da guerra, recolhidos em 1947, constituem material muito aproveitável para o conhecimento de personagens famosas do tempo de Antonio Conselheiro. (101)

TOURINHO, EDUARDO. – **Alma e corpo da Bahia**. Rio – Irmãos' Pongetti, editôres – 1953.

– Artigo sobre temas e vultos da Bahia. Em "A Tróia de Barro" trata da luta de Canudos. Alguns senões quanto aos nomes dos jagunços. (102)

VASCONCELOS, MARINA. – **Alguns Movimentos contra aculturativos do Nordeste**. Rio – 1949.

– Tese de docência para a Faculdade Nacional de Filosofia. (103)

VENANCIO FILHO, FRANCISCO. – **A Glória de Euclides da Cunha**. São Paulo. Companhia Editôra Nacional – 1940, 323 p., il.

– Algumas notas sobre a Campanha. (104)

VIANA, LUIZ. – **Mensagem apresentada à Assembléia Geral Legislativa pelo Exmo. Snr. Governador da Bahia, em 7 de abril de 1897.** Bahia – Tipografia do "Correio de Notícias", 24 p.

– Documento em que o Governador explica ao Legislativo a ação do Governo baiano nos acontecimentos de Canudos, especialmente no caso da expedição Febrônio de Brito (ps. 5 a 9). (105)

– **Mensagem apresentada à Assembléia Geral Legislativa pelo Exmo. Snr. Governador do Estado da Bahia, em 14 de abril de 1898.** Tipografia do "Correio de Notícias", 1898 – 26 p.

– Relata os derradeiros eventos da Campanha, evidenciando o papel do Governo estadual (págs , 3 a 10) . (106)

– **Mensagem do Governador da Bahia ao Snr. Presidente da República.** Bahia. Tipografia do "Correio de Notícias", 1897. (107)

– Após o malogro da expedição Moreira César, Luiz Viana, em mensagem ao Presidente da República, Prudente de Moraes, historia as origens da questão sertaneja e o seu desenvolvimento.

– **Interview – o governador do Estado da Bahia Dr. Luiz Viana e o representante da "Gazeta de Notícias", do Rio, agosto de 1897,** Feira de Santana - Bahia, Tipografia d'"O Propulsor", 1897, 17p.

– Folheto contendo a entrevista concedida ao jornalista Favila Nunes pelo Governador Luiz Viana a propósito da luta que se estava travando nos sertões baianos. (109)

VITORINO, MANUEL. – **Manifesto Político.** Tipografia e Encadernação Empresa Editôra, Bahia, 1898.

– O Vice-Presidente da República, no Manifesto à Nação, relata as providências que tomou no caso de Canudos, quando esteve substituindo Prudente de Moraes. (110)

WOLSEY. – **Libelo Republicano acompanhado de comentário sobre a Campanha de Canudos**. Bahia. – Tipografia e Encadernação do "Diário da Bahia", 1899. 62 p ,

– Panfleto contra Prudente de Moraes e Luiz Viana, acusados como responsáveis pela tragédia de Canudos. – Também Artur Oscar é muito atacado por causa do degolamento de prisioneiros. Wolsey é pseudônimo do publicista baiano César Zama.

Notas para um vocabulário de Canudos

José Calasans

Aqui e ali, nas minhas andanças pelos caminhos e veredas da história e do folclore de Canudos, tenho encontrado algumas expressões, de significação geral ou específica, que me pareceram merecedoras de registro. Talvez possam servir a estudioso do futuro, que nelas bem poderá respigar alguma coisa aproveitável.

1. - **Boca-de-sino**. Canhão. Termo muito conhecido. Abon.: "A resposta era imediata num formidável ronco das **bôcas-de-sino**", (Macedo Soares. **A Guerra de Canudos**, pág. 527).

2. - **Burra-preta**. Nome que os jagunços davam à artilharia. Abon.: "Se esperavam sempre novos ataques do inimigo, para destruir a **burra-preta** ou **fogo-de-rodas**, como denominavam a artilharia". (Macedo Soares. **A Guerra de Canudos**, pág. 163).

3. - **Caminheira**. Expressão usada por Antonio Beatinho com o significado de disenteria. Abon.: "Morrera a 22 de setembro de uma disenteria, uma **caminheira** - expressão horrendamente cômica que faz repentinamente um borborinho de risos irreprimidos naquele lance doloroso e grave". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 7ª ed., pág. 603).

4. - **Capitão-jagunço**. Com este título era conhecido Jesuíno Lima, homem que viveu algum tempo entre os conselheiristas e posteriormente guiou as forças legais. Abon.: "Era conhecido entre a soldadesca por **Capitão Jagunço**". (Martins Horcades. **Descrição de uma viagem a Canudos**, pág. 98).

5. - **Chefe do povo.** Título que os jagunços davam a João Abade, um dos principais chefes de Canudos. Abon.: "Entre essa turma desorientada, há vários criminosos, segundo me afirmaram, citando-se até os nomes, alguns dos quais retive, como o de João Abade, que é ali chamado o **chefe do povo**" (Frei João Evangelista. **Relatório**, pág. 5).

6. - **Chineses.** Nome dado aos homens do contingente de engenharia pelos soldados combatentes. Abon.: "A foice mais afiada dos nossos soldados do contingente de engenharia, **chineses** na frase gaiata dos companheiros dos corpos combatentes". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 2ª ed., pág. 387).

7. - **Coluna talentosa.** Denominação com que os canudenses honraram a 2ª Coluna da 4ª Expedição, comandada pelo gen. Savaget. Talentosa no sentido de forte, valente, corajosa, poderosa. Ouvi de um cantador que "Paulo Afonso" é o maior talento hidráulico do Brasil. Abon.: "Quando o General Savaget, ontem, visitou aos seus bravos companheiros da 2ª Coluna - a **coluna talentosa**, segundo a denominação insuspeita dos jagunços". (Euclides da Cunha. **Canudos**, pág. 9).

8. - **Comandante da rua.** Um dos títulos que os jagunços davam a João Abade. Abon.: "**Comandante da rua**, título inexplicável naquele labirinto de bitesgas". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 20ª ed. pág. 319).

9. - **Companhia do Bom Jesus.** Espécie de guarda pessoal do Santo Conselheiro, encarregada de defendê-lo. Seus membros recebiam roupa e comida. Abon.: "os que ainda não se haviam alistado na **Companhia do Bom Jesus**, que não recebiam do Conselheiro a comida e a roupa". (Frei João Evangelista. **Relatório**, pág. 7).

10. - **Conselheirista.** Aquele que seguia Conselheiro.

11. - **Corta-cabeças**. Apelido dado pelos jagunços a Antonio Moreira César, comandante da 2ª Expedição. Abon.: "Deram-lhe um apelido lúgubre: '**Corta-cabeças**'" . (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 7ª, pág. 311).

12. - **Corta-pescoço**. Alcinha que os conselheiristas deram também a Moreira César. Abon.: "Coronel Moreira César/Chama-se **corta-pescoço**/Veio agora nesta guerra. Deixar no sertão o osso. (Afrânio Peixoto. **Missangas**, pág. 58).

13. - **Fogo-de-rodas**. Canhão, segundo os homens de Canudos. Abon.: "**Fogo-de-rodas**, como denominavam a artilharia" (Macedo Soares. **A guerra de Canudos**, pág. 163).

14. - **Fraqueza do governo**. Denominação escarnecedora com que os jagunços procuravam atingir os soldados. Abon.: "entre outras uma frase desafiadora que no decorrer da campanha seria invariável como estribilho irônico 'avança, **fraqueza do governo**'" (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 20ª ed., pág. 269).

15. - **Goiva**. Barrete usado por alguns dos principais "apóstolos" de Antonio Conselheiro. Abon.: "Macambira e João Venâncio usavam jaqueta e calça de algodão azul e Beatinho, era estas peças ou uma camisola igual a do Conselheiro, porém amarrada na cintura por cordão. Os três usavam barrete que chamavam **goiva**". (Manuel Benício. **O Rei dos jagunços**, pág. 167).

16. - **Gravata Vermelha**. Degolamento. Abon.: "A hora que partimos, vimo-los seguir a caatinga, a fim de receberem a gravata-vermelha. O leitor sabe o que significa essa **gravata-vermelha**? A morte. (Lélis Piedade. **Relatório**, pág. XLVIII).

17. - **Guarda católica** - A guarda do Conselheiro. O mesmo que Companhia do Bom Jesus e Santa Companhia. Abon.: "A essa força denominavam **guarda-católica**". (Macedo Soares. **A guerra de Canudos**, pág. 38).

18. - **Imundície do governo.** Os soldados do governo, conforme os jagunços. Abon.: "Qualificativo afrontoso com que os jagunços denominavam os soldados, quer individual quer coletivamente. (Manuel Benício. **O Rei dos jagunços**, pág. 265).

19. - **Jacarés.** Assim eram chamados, pelos jovens oficiais da 4ª Expedição, os generais Artur Oscar, Cláudio Amaral Savaget e João da Silva Barbosa. Abon.: "Os três generais, no acampamento quando eles não estão presentes a jovem oficialidade diz respeitosamente: os três **jacarés**". (Constantino Néri. **A Quarta Expedição Contra Canudos**, pág. 104) .

20. - **Jagunço.** Expressão incluída nos dicionários antes da campanha de Canudos, porém que foi, nesta época, espalhada por todo o Brasil com o sentido de valente, destemido, fanático (Luiz da Câmara Cascudo. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, pág. 321).

21. - **Levar para a caatinga.** Degolar. Abon.: "Nessa campanha querem passar por heróis indivíduos cujo mérito constitui em **levar para a caatinga** os desgraçados que caíam prisioneiros. Nem todos compreenderão bem estas palavras. Os do Rio Grande do Sul explicá-las-ão porém com facilidade desde que dissermos: levar para a caatinga equivale a fazer o papel de João Francisco". (Wolsey. **Libelo Republicano**, pág. 34).

22. - **Linha negra.** Designava determinado entrincheiramento onde estavam alguns batalhões que sitiavam Canudos. Abon.: "Aquela provocação não demoravam os jagunços responder despejando os bacamartes sobre a **linha negra**, vigilante e lesta". (Macedo Soares. **A Guerra de Canudos**, pág. 257) .

23. - **Matadeira.** Como os jagunços chamavam um dos canhões da 4ª Expedição. Abon.: "Pai, quero destruir a **matadeira**. Sob tal denominação

indicam os jagunços o canhão Krupp, 32, que tem feito entre eles estragos consideráveis". (Euclides da Cunha. **Canudos**, pág. 33).

24. - **Mimosa**. Nome que os antigos soldados deram à Brigada Girard, chegada ao teatro da luta, em agosto de 1897, muito desfalcado com o afastamento de diversos oficiais por motivos nem sempre justificáveis. Abon.: "Deu uma carga de baionetas, em que não perdeu um soldado, entrando afinal em Canudos, onde os enrijados campeadores, que ali estavam sob a disciplina tirânica dos tiroteios diuturnos, a acolheram com a denominação de **mimosa**, nome, que, entretanto, mais tarde seus bravos oficiais fizeram que se apagasse, a exemplo do primeiro título". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 2ª ed., pág. 501).

25. - **Poeira**. Designava, em Canudos, o lugar onde ficaram os presos. Era a cadeia dos jagunços. Abon.: "Conheci muito. Era um preto danado de valente. Estava preso na **poeira**. Pediu para ser solto. Queria lutar a nosso favor". (Paulo Dantas. **Viagem definitiva a Canudos**. "Revista Brasiliense", vol . XXI, pág. 151).

26. - **Rompe-nuvens**. Denominação pela qual era conhecido o 5º Batalhão de Polícia da Bahia, tropa que muito se destacou durante a campanha. Abon.: "O coronel tais cousas tem feito que a canalha apelidou o batalhão – devido à rapidez com que forma e as marchas que faz – de **rompe-nuvens**" (**Diário de Notícias**, Bahia, 26 jun. 97).

27. - **Saias-encarnadas**. Nome dado aos soldados do exército, por causa da calça garance. Abon.: "Vinte ou trinta pessoas, rodeavam o Santo. Em dado momento recendendo o tiroteio dos **saias-encarnadas**, resmungou Antonio Conselheiro, de mau humor". (Silva Campos. **Tradições Baianas**, pág. 422).

28. - **Santa Companhia**. Outra denominação da Companhia do Bom Jesus, isto é, da guarda pessoal do Conselheiro. Abon.: "Mas correndo grandes riscos entre

eles o de serem algum dia inesperadamente saqueados os seus bens em proveito da **Santa Companhia**". (Frei João Evangelista. **Relatório**, pág. 8).

29. - **Treme-terra**. Era assim conhecido, desde a Guerra do Paraguai, o 12 de Infantaria. Abon.: "O seu natural ardor bélico não mais podia revigorar as fileiras do legendário 12, o **treme-terra**, antonomásia conquistada nas pugnas do Paraguai e que altivamente mantinha em todas as refregas até ali galhardamente sustentadas". (Macedo Soares. **A Guerra de Canudos**, pág. 110).